

# Conceito de mar na fraseologia portuguesa: a Metáfora de viagem marítima

---

Lanović, Nina; Varga, Dražen

Source / Izvornik: **Studia Romanica et Anglica Zagradiensia, 2015, 60, 3 - 37**

Journal article, Published version

Rad u časopisu, Objavljena verzija rada (izdavačev PDF)

Permanent link / Trajna poveznica: <https://um.nsk.hr/um:nbn:hr:131:387605>

Rights / Prava: [In copyright](#) / [Zaštićeno autorskim pravom.](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2024-07-11**



Sveučilište u Zagrebu  
Filozofski fakultet  
University of Zagreb  
Faculty of Humanities  
and Social Sciences

Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb  
Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



UDC 811.134.3'373.7

Original scientific paper

Recebido a 30 de outubro de 2015

Aceite para a publicação a 18 de maio de 2016

## Conceito de *mar* na fraseologia portuguesa: a Metáfora de viagem marítima

Nina Lanović

Dražen Varga

Faculdade de Letras

Universidade de Zagreb

nina.lanovic@ffzg.hr

dvarga@ffzg.hr

No trabalho apresenta-se uma parte dos resultados de um estudo mais abrangente dedicado à representação do conceito de MAR na fraseologia portuguesa. As unidades fraseológicas (expressões idiomáticas e parémias com sentido figurado) com constituintes da esfera semântica de *mar* foram submetidas à análise semântico-conceitual, com dois objetivos básicos: estabelecer a motivação do significado idiomático relativamente ao literal e verificar, a partir daí, se entre os significados das unidades fraseológicas do sub-sistema em questão existem relações sistemáticas quaisquer, visando deslindar os princípios em que se fundamentam. O foco de atenção está neste caso no sub-grupo mais numeroso de unidades cuja motivação conceptual, baseada na experiência físico-percetiva de espaço – mais exatamente, de mar concebido em termos espaciais – é interpretável a partir da análise de uma estrutura metafórica complexa que denominámos a *Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA*.

*Palavras-chave:* fraseologia portuguesa, idiomaticidade, motivação conceptual, conceito de MAR, Metáfora de viagem marítima

### 1. Introdução

No presente trabalho propomos-nos apresentar os resultados de uma parte da investigação realizada no âmbito de um estudo mais abrangente (Lanović 2012) dedicado a um sub-sistema da fraseologia portuguesa – às unidades fraseológicas (UFs) (expressões idiomáticas e parémias com sentido figurado) relacionadas com o conceito de MAR,<sup>1</sup> baseando-se a suposta relação no critério

---

<sup>1</sup> As maiúsculas (MAR) serão usadas nos casos em que nos referimos ao conceito ou ao domínio conceptual; por outro lado, quando nos referimos ao lexema (constituente lexical) usaremos o itálico (*mar*). Trataremos da mesma maneira todos os lexemas/conceitos referidos no texto.

de constituintes lexicais da esfera semântica de *mar*.<sup>2</sup> As UFs extraídas de uma „coleção de textos“ são submetidas à análise semântico-conceitual com dois objetivos básicos: estabelecer a motivação do significado idiomático relativamente ao literal e verificar, a partir daí, se existem entre as UFs do sub-sistema em questão relações sistemáticas quaisquer, visando deslindar os princípios em que se fundamentam.

A análise da relação entre os significados literal e idiomático das UFs revela que uma boa maioria delas deve a sua motivação aos mecanismos conceituais de índole metafórica ou metonímica que na mente dos falantes ligam o MAR, como domínio fonte, a domínios destino mais abstratos, de um modo relativamente regular. Na maioria dos casos o mar é conceptualizado como um tipo de *espaço* experiencialmente perceptível que, ao nível do domínio destino, se refere a um espaço conceptual abstrato, análogo ao físico. Tal princípio de conceptualização é designado, para fins da nossa investigação, o *Modelo espacial de MAR*. Neste trabalho concentramo-nos nos resultados da análise do sub-grupo de UFs que devem a sua motivação principalmente à estrutura metafórica mais „transparente“ (em termos estruturais) e mais produtiva entre as fundamentadas numa experiência físico-perceptiva de espaço; essa estrutura, que corresponde, em muitos elementos, a um modelo metafórico espacial complexo, postulado por Lakoff (1990, 1993) como a Metáfora de Estrutura do Evento (*Event Structure Metaphor*), será daqui em diante referida como a *Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA*.

## 2. Enquadramento teórico e metodologia – alguns destaques

Antes de mais, queríamos chamar a atenção – sem pretensões de sermos exaustivos – para pontos de referência teórico-metodológicos que nos serviram de orientação na nossa investigação, em termos de critérios teóricos que nortearam a própria abordagem do objeto de estudo específico, de método de análise, tal como de princípios de construção de corpus – mais exatamente, de uma „base de dados“ de UFs que foram submetidas à análise.

---

<sup>2</sup> O termo *esfera semântica* é usado aqui no sentido em que o usa Berruto (1998: 73), como „l'insieme dei termini che si riferiscono an uno stesso 'concetto', od esperienza, od argomento, o settore di attività, e che sono tra di loro in qualche modo imparentati attraverso legami di vario genere“. Segundo Berruto, „delle sfere semantiche fanno in genere parte più campi semantici e più famiglie semantiche“ (1988: 73). Para fins deste estudo, abrange tanto parentes lexicais (*maré, marear, marinheiro* etc.), como referenciais (p.e. *barco, bonança, costa, embarcar, ilha, navegação, onda, porto* etc.) do lexema *mar*. A nossa intenção foi proporcionar uns conhecimentos sobre o „funcionamento“ de todo o *domínio conceptual* de MAR, em que basicamente seguimos a teoria contemporânea de categorias conceituais, segundo a qual nem uma categoria em si é homogénea (veja p.e. Rosch 1978 ou Lakoff 1987). Fizemos questão de partir estritamente do nível linguístico, tendo em conta as críticas dirigidas aos cognitivistas por fundamentarem, não raramente, os seus estudos nas estruturas conceituais intuitivamente postuladas, para depois argumentar a sua relevância com base nos dados linguísticos previamente selecionados.

2.1. Considerando uma perspectiva interdisciplinar a única abordagem apropriada para uma área de estudo tão complexa e heterogênea como é a fraseologia, incluindo os fenômenos linguísticos (ainda não devidamente explorados) de idiomaticidade e de linguagem figurada, valemo-nos para esse fim de uma combinação de modelos teórico-metodológicos complementares do âmbito de fraseologia e semântica lexical contemporâneas. Dedicámo-nos exclusivamente à dimensão semântica – ou, mais exatamente, semântico-pragmático-conceptual – das UFs analisadas, tendo nesse sentido definido a própria metodologia de análise, fortemente influenciada pelos conhecimentos desenvolvidos no seio das perspectivas “construtivistas”, a semântica cognitiva e a psicolinguística, o que se deve principalmente à relevância da metáfora (conceptual) nesses paradigmas.<sup>3</sup>

Dado que as UFs que analisamos são todas idiomáticas, achamos necessário precisar que, para fins deste trabalho, a própria *idiomaticidade* é compreendida como uma transformação semântica, ou seja, uma transferência de significado que pode abarcar todos os constituintes de uma UF, ou então, uma parte deles. A transformação semântica resulta dos processos semântico-conceptuais mais ou menos complexos, na maioria dos casos metafóricos ou metonímicos, mas pode dever-se também a outros fatores.<sup>4</sup> E são mesmo esses mecanismos que – através da análise da estrutura semântica das UFs – pretendemos identificar. Embora haja, entre os linguistas, divergências consideráveis quanto à natureza do fenômeno de idiomaticidade, numa coisa em princípio todos concordam: que a idiomaticidade não é uma propriedade „sim ou não“, mas uma questão de grau, sendo tal afirmação aplicável à linguagem figurada em geral.

Um dos motivos básicos para este estudo, que destacámos na Introdução, foi estabelecer a motivação do significado idiomático das UFs analisadas relativamente ao literal, bem como indagar a hipótese que o significado dos constituintes lexicais e das relações que entre eles se estabelecem no contexto idiomático na maioria dos casos é crucial tanto para a formação do significado idiomático como para a sua interpretação.<sup>5</sup> Partimos, por conseguinte, da hipótese

---

<sup>3</sup> Como referências principais destacamos os estudos de G. Lakoff, M. Johnson, M. Turner, R. W. Gibbs, Z. Kövecses, C. Fernando, S. Glucksberg, C. Cacciari, D. Dobrovól'skij, A. Soares da Silva, H. Jakubowicz Batoréo, entre muitos outros.

<sup>4</sup> Segundo Corpas Pastor (1996: 273): „Con respecto a las unidades tradicionalmente etiquetadas „idiomáticas“ (ya sean parciales o totales), la traslación semántica se puede deber a la presencia de palabras diacríticas o de irregularidades gramaticales internas que impossibilitan una interpretación literal de la secuencia, a la pérdida de conexión con las referencias histórico culturales que le dieron origen, o a la acción de mecanismos de transferencia semántica, entre los cuales se encuentran recursos expresivos tales como la comparación, el eufemismo, la hipérbole, el grafismo, la antonomasia o la personificación, así como los transpositores más importantes: metáforas, metonimias y sinédoques“.

<sup>5</sup> „Although idioms possess established meanings that are easy to conceive of in terms of stored semantic concepts, they simultaneously exploit the senses of the words, the structure underlying their grouping in an idiom, and possibly also conceptual templates such as the ones postulated by Lakoff and Gibbs (cf. Gibbs & Nayak 1991; Kreutz & Graesser 1991)“ (Cacciari 1993: 37).

que o significado de uma boa maioria das UFs que analisamos é motivado.<sup>6</sup> Sob a *motivação* compreendemos a existência de uma relação não-arbitrária entre a expressão linguística e o seu significado. Julgando pela nossa própria investigação, a motivação da maioria das UFs pode explicar-se recorrendo a algumas metáforas conceptuais que geralmente atuam em combinação com outros fatores „pré-conceptuais“. Uma expressão idiomática pode conter um símbolo cultural, mas esse símbolo, em muitos casos, será interpretável só se o „encaixarmos“ nas estruturas metafóricas na base da expressão inteira. Um constituinte pode ter autonomia semântica em termos de função simbólica, mas quando se levanta a questão de interpretação do significado da expressão como um todo, é improvável que atue autonomamente.

Este estudo – pelo próprio facto de corroborar a tese segundo a qual na estrutura semântica das UFs, até na maioria das „intransparentes“ – é possível verificar a motivação e uma certa regularidade, pretende ser uma contribuição (por pequena que seja) para a refutação da perceção anomalista da fraseologia, partilhada pelos autores estruturalistas e os generativistas, tanto pela semântica como pela fraseologia tradicionais. Uma atitude que percebe as UFs, particularmente os idiomas, como anomalias linguísticas, como desvios relativamente a estruturas „normais“ de uma língua,<sup>7</sup> tem-se referido tradicionalmente inclusive às metáforas, indicando uma certa proximidade entre dois fenómenos. É só nos últimos decénios que se têm criado condições para abandonar tal atitude, paralelamente com uma abertura gradual da fraseologia em direção às investigações interdisciplinares e aos estudos dedicados à exploração cada vez mais profunda do próprio fenómeno de idiomaticidade, tal como do aspeto semântico de UFs que até então foi descurado, a favor de interpretação léxico-sintática.<sup>8</sup>

O próprio facto de termos baseado a nossa análise no critério de constituintes lexicais da esfera semântica de *mar* deixa bem claro que na abordagem do significado idiomático aderimos à orientação „*componencial*“, considerando que os significados dos constituintes desempenham um papel

---

<sup>6</sup> É importante distinguir a „motivação“ da „transparência“ (acessibilidade, clareza, consciência da motivação nos falantes). Se um idioma é intrasparente, não quer dizer que não seja motivado. Corroboram essa afirmação os estudos de Glucksberg, Cacciari, Gibbs e outros.

<sup>7</sup> Deve-se em princípio à estrutura fixa das UFs, que em muitos casos não permite substituição dos componentes lexicais, nem – o que é mais importante – transformações sintáticas que seriam possíveis nas combinações livres. As transformações como, por exemplo, a passivização, a topicalização, a forma interrogativa etc. subentendem, em muitos casos, a perda de significado idiomático e por isso são inaceitáveis.

<sup>8</sup> Casadei (1996: 389-393), por exemplo, destaca uns autores e teorias/abordagens que contribuíram consideravelmente para a concepção não-anomalista da fraseologia: Hockett, Makkai, semântica generativa, e especialmente as abordagens „semântico-composicionais“ (Nunberg, Gibbs, Cacciari etc.), mas na opinião dela, a possibilidade de uma interpretação integral só é proporcionada pela linguística cognitiva, ou seja, pela teoria cognitivista de metáfora.

na interpretação e – para este estudo mais relevante ainda – que são um fator crucial para a formação do significado idiomático. Na semântica e fraseologia contemporâneas a analisabilidade das UFs (ainda que questão de grau) já é um ponto consensualmente aceite, porque o significado dos constituintes já não é visto como um mero significado lexical intra-linguístico, mas sim um significado enciclopédico. Os significados dos constituintes contribuem à interpretação da UF inteira, sejam eles literais ou não; isto é, o significado „composicional“ de uma UF não é necessariamente literal – pode, pelo contrário, basear-se nos significados figurados dos constituintes.<sup>9</sup>

Optámos por dedicar-nos, nesta investigação, exclusivamente ao *aspecto semântico* das UFs, considerando-o o aspecto chave do fenómeno fraseológico em geral.<sup>10</sup> Uma tal atitude tem a seu favor os resultados de muitos estudos, especialmente os que se dedicam, no âmbito da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva, ao processamento sintático e semântico, ou seja, à compreensão/ interpretação das expressões idiomáticas. Na nossa opinião, não é a incomutabilidade dos constituintes o que faz uma expressão idiomática, mas é a natureza idiomática de uma expressão o que bloqueia substituições ou variações distribucionalmente possíveis; a própria fixidez da relação entre os constituintes é o que neutraliza a sintaxe. Além disso, sem subestimar outras dimensões do fenómeno fraseológico, parece que no aspecto semântico ainda fica bastante por elucidar, o que representa um desafio para investigadores.

Como já foi dito no início deste capítulo, aderimos em geral às perspetivas „construtivistas“ na semântica, principalmente porque as teorias semânticas tradicionais descuram em princípio a perceção e experiência humanas da realidade. A suposição que o mundo exterior não nos é concebível diretamente, mas que a perceção do mundo é mediada pelo conhecimento e pela linguagem, subentende a rejeição de uma distinção rigorosa entre os discursos literal e figurado, tal como a atribuição de um papel crucial à metáfora nos processos de conceptualização e cognição (geralmente via projeções metafóricas do domínio físico-percetivo para os domínios abstratos), mas também à metáfora como um instrumento chave de criatividade linguística.<sup>11</sup> Numa tal ótica o significado não é

---

<sup>9</sup> „All that matters for an idiom to be viewed as decomposable is for its parts to have meanings, either literal or figurative, that contribute independently to the phrase’s overall figurative interpretation“ (Gibbs 1993: 62).

<sup>10</sup> Podemos portanto, no sentido operacional, aderir à definição da UF de Vilela que, não obstante diferenças estruturais, assenta nas propriedades semânticas: „[...] a combinação fixa de palavras que transporta um significado não composicional, ocasionado por recursos como a metáfora, a metonímia, a hipérbole, etc. e por uma motivação graduável que depende tanto das relações internas que estabelece com o significado originário dos seus componentes como das conexões externas contextuais“ (Vilela 2002: 197).

<sup>11</sup> Sobre isso, veja p.e. Sweetser (1990: 17): „[...] the metaphors manifested in most linguistic systems fall out from a more holistic viewpoint, which takes language as part of our general cognitive system: linguistic structure is, then, as logical and objective as human cognition, no more and no less“.

tomado como uma coisa dada ou „feita“, mas é „construído“; de acordo com isso, a interpretação dos enunciados linguísticos também é vista como um processo criativo que sempre, a um certo ponto, exige participação ativa do interlocutor.

Entre os tipos de *contexto* que podem ser relevantes para um estudo fraseológico – dependendo do aspeto investigado – tomamos neste caso em consideração principalmente o próprio *contexto idiomático*, isto é, o significado básico, „intra-fraseológico“ das UFs; interessa-nos, antes de mais, que tipo de conhecimento implica o lexema *mar* (e outros da mesma esfera semântica) a ocorrer como constituinte de uma UF e como é que tal „conhecimento“ participa na formação do seu significado idiomático. Outros tipos de contexto aqui considerados são o „semântico“, compreendido como o significado „inter-fraseológico“, aquilo que definimos como „esfera semântica“ (referindo-se tanto ao significado dos constituintes, como ao da inteira UF) e o „cultural“ que, por sua vez, se reporta ao nível „profundo“ conceptual, ou seja, aos mecanismos motivacionais subjacentes às UFs.<sup>12</sup>

2.2. As UFs de vários tipos estruturais com algum dos constituintes da esfera semântica de *mar* – no total 636 – foram extraídas de uma „coleção de textos“, que compreende combinação de três tipos de fontes<sup>13</sup> - o *Corpus de referência do português contemporâneo (CRPC)*, várias coletâneas de „sabedoria popular“ e um inventário de UFs registadas nos dicionários fraseológicos e paremiológicos.

As restrições tipológicas segundo as quais foi construída a „base de dados“ foram exclusivamente de índole semântica: todas as UFs são *idiomáticas* e *convencionais*. Do ponto de vista estrutural, não houve restrições; contudo, a „base de dados“ integra UFs de três tipos estruturais: as *expressões idiomáticas* com estrutura de sintagma e de frase<sup>14</sup> e *parémias*, construções fixas fraseológicas com

---

<sup>12</sup> As interpretações do contexto cultural variam consideravelmente, mas aqui é percebido no sentido mais lato, em princípio como o conhecimento comum do mundo partilhado pelos membros de uma comunidade nacional, cultural e linguística. Contribuições valiosas para o estudo da dimensão cultural do fenómeno fraseológico (e da „informação cultural“ contida no significado idiomático) devem-se ao paradigma antropológico na fraseologia (p.e. Teliya *et al.* 1998), mas também aos estudos no seio de um ramo da Linguística Cognitiva conhecido como a Linguística Cultural (veja sobre isso p.e. Batoréo 2015).

<sup>13</sup> Por motivo, já refletido por muitos estudiosos, particularmente no âmbito da própria linguística de corpus (p.e. Cowie 1998, Moon 1998a, 1998b, Howarth 1998, Altenberg 1998), de frequência muito baixa de expressões idiomáticas e especialmente parémias em qualquer tipo de corpora, independentemente do género ou tipo discursivo. McEnery e Wilson argumentam: „These other data should more properly be thought of as collections of texts. [...] corpus linguistics necessarily entails an empirical approach, but empirical linguistics need not entail the use of a corpus“ (2001: 103).

<sup>14</sup> Quanto ao „grau de idiomaticidade“, refiramo-nos a algumas classificações. Segundo Fernando (1996), todas as UFs na nossa base de dados pertencem à categoria de *pure idioms*, meio-transparentes ou intransparentes. Segundo Amosova, Cowie, Mel'čuk, Gläser, Howarth (veja Cowie 1998), as UFs que analisamos seriam *pure* ou *figurative*

estrutura de frase que representam enunciados completos – elas também, neste caso, exclusivamente idiomáticas, com sentido figurado. Desde a formulação da paremiologia como uma disciplina filológica à parte, muitos autores negaram um estatuto fraseológico às parémiias, tendo-as excluído por completo dos estudos fraseológicos; nos tempos mais recentes, esta situação está outra vez a mudar – não são raros os linguistas, particularmente os fraseólogos, que tratam as parémiias como um tipo de UFs e é essa a posição que neste estudo defendemos.<sup>15</sup> As parémiias têm uma estrutura (relativamente) fixa e o seu funcionamento semântico escapa aos princípios da semântica composicional; na maior parte são idiomáticas e são sempre pitorescas, baseadas nas imagens. Partilham, por conseguinte, das propriedades consideradas parâmetros cruciais da fraseologia: uma invariabilidade (relativa), ou seja, estrutura fixa, tal como idiomaticidade (relativa).<sup>16</sup>

Sob a *convencionalidade* compreendemos aqui uma certa „institucionalização“ no sentido de automatismo, de uso „inconsciente“ da UF na linguagem de dia a dia de uma comunidade social e linguística; tal interpretação de convenção refere-se, na realidade, tanto ao nível linguístico, como ao conceptual. Na prática, isso quer dizer que a „base de dados“ não inclui UFs idiossincrásicas (*one-shot*), as que possam resultar de uma invenção poética livre, mas exclusivamente UFs verificadas nas fontes lexicográficas (dicionários fraseológicos e paremiológicos).

Quanto ao próprio método-modelo de análise, distinguiremos basicamente dois „passos“ principais:

- a) submetendo as UFs à análise semântico-conceptual,<sup>17</sup> identifica-se a motivação do significado idiomático (em relação ao literal) → nos casos das

---

*idioms* (Mel'čuk e Gläser não distinguem essas duas classes). Segundo Sanromán (2001), seriam classificados entre os *frasesmas completos* ou *expressões idiomáticas* e segundo Vilela (2002), entre os *frasesmas em sentido restrito*. Cabe desde já mencionar que os autores discordam acerca de classificação de parémiias-provérbios com sentido figurado na categoria de expressões idiomáticas.

<sup>15</sup> As parémiias, contudo, são objeto de estudo da paremiologia, tal como da fraseologia; simplificando, podemos dizer que duas disciplinas se ocupam de aspetos diferentes do mesmo fenómeno. Enquanto a fraseologia aborda as parémiias como combinações fixas de palavras, a paremiologia observa-as como formas – ou textos mínimos, „micro-textos“ – da literatura oral popular.

<sup>16</sup> Indicaremos uns dos autores relevantes que, com respeito a essas propriedades, consideram as parémiias uma categoria fraseológica: Greimas (1960), Coseriu (1977), Zuluaga (1980), Gläser (1988), Melvinger (1989), Mel'čuk (1995), Corpas Pastor (1996), Fernando (1996), Teliya *et al.* (1998), além de muitos outros. Contudo, claro está que as parémiias não representam uma categoria fraseológica „central“; ao contrário de outros tipos, são muito menos frequentes na linguagem quotidiana, não são reproduzidas, mas citadas e não manifestam possibilidade alguma formal de adaptação ao contexto.

<sup>17</sup> Não distinguimos a análise conceptual da semântica e é por duas razões principais: primeiro, porque nem todas as UFs da „base de dados“ tem significados motivados pelos mecanismos metafóricos conceptuais – em tais casos a interpretação exige uma abordagem diferente, que em princípio significa pegar na etimologia da UFs (para identificar p.e. referência a um outro código simbólico). A segunda razão é a posição geral,



- UFs cuja motivação é conceptual,<sup>18</sup> identificam-se os mecanismos de índole metafórico-metonímica, mais concretamente domínios destino (geralmente mais abstratos) a que se projeta o domínio fonte (experencialmente perceptível) de MAR e daí se deduzem „modelos“, ou seja, princípios de conceptualização de MAR que motivam os significados das UFs;<sup>19</sup>
- b) os resultados sistematizam-se e o material linguístico (UFs) classifica-se em „famílias“, ou seja, em sub-grupos, segundo o critério de diversos aspetos/propriedades do mesmo domínio conceptual de MAR a que se referem.<sup>20</sup>

### 3. O Modelo espacial de MAR

A experiência de *espaço* é uma das experiências mais básicas do homem; pode-se afirmar que o ser humano nem é capaz de conceber um “nada” no sentido de “ausência de espaço”, isto é, a própria existência é concebida como existência num espaço. O assunto de espaço, de organização espacial e seu papel na atividade cognitiva humana tem ocupado desde a Antiguidade um lugar de relevo na filosofia (particularmente a reflexão sobre a relação do conceito de espaço com o de tempo), e a partir da segunda metade do séc. XX na antropologia, mas também na linguística. A antropologia chama atenção para o facto de que na visão do mundo das sociedades primitivas os fenómenos não se desenrolam no espaço, mas o espaço é “desenrolado” por eles; a consciência de que o espaço não é um objeto concreto “acabado”, mas que se constrói por meio da ação, tem muito em comum com os conhecimentos da filosofia moderna, em que tem ganhado cada vez mais importância o princípio de subjetividade na percepção e construção da realidade.

Depois de E. Hall (1971) ter postulado a “antropologia de espaço”, seguem-no muitos estudos dedicados ao espaço; um dos assuntos mais estudados é a problemática da orientação espacial. Batoréo, no seu valioso estudo psicolinguístico sobre a “expressão espacial” e a “expressão de espaço” na língua portuguesa, refere que nas sociedades humanas, além dos pontos cardeais, servem de marco decisivo para a orientação os elementos como rios, serras ou

---

já traçada, em relação à natureza do significado linguístico que define este estudo: as novas perspetivas no âmbito da semântica lexical renunciam da concepção „clássica“ do significado, superando os limites do significado lexical intra-linguístico; os conteúdos linguístico e enciclopédico, tal como o significado e a compreensão começam a ser percebidos e tratados como um continuum.

<sup>18</sup> Como é o caso das UFs em que nos concentramos neste trabalho.

<sup>19</sup> Um deles é o „modelo“ que apresentamos neste trabalho, designado a *Metáfora de viagem marítima*.

<sup>20</sup> O termo/conceito de *família*, no sentido em que aqui o usamos, corresponde ao conceito de *campo ideográfico* (*ideographic field*) de Teliya *et al.* (1998: 61 e adiante): um campo de expressões que, independentemente da sua estrutura, têm o „hiperónimo“ comum numa metáfora conceptual; tal campo abarcaria expressões idiomáticas, colocações, provérbios, ditos, etc..

zonas marginais como é a beira-mar (Batoréo 2000: 50-52). Salienta também a relevância, em muitas culturas, da “posição central” do *aqui* e do *eu*. O conceito de *espaço simbólico* nas culturas e tradições antigas opera em função dos vetores de tipo “em cima-em baixo”, “frente-trás” ou “direita-esquerda”, incluindo uma oposição dos conceitos de “interior-exterior” (2000: 25-62).<sup>21</sup> Todas essas “intervenções” antropológicas mostram-se relevantes para a nossa investigação; para além disso, até demonstram, num pequeno segmento, como a expressão linguística dos conceitos espaciais ainda em parte manifesta aquele conhecimento primordial do mundo a partir do qual cresceram as culturas que conhecemos.

Na linguística cognitiva a questão de espaço tem, desde o início, ocupado uma posição privilegiada, principalmente graças a Jeffrey Gruber e Leonard Talmy. Na área da semântica lexical, os cognitivistas analisam e interpretam muitos domínios abstratos por meio de metaforização de espaço<sup>22</sup>; na Teoria da Metáfora (Lakoff/Johnson 1980, Sweetser 1990) as metáforas espaciais são vistas como as mais frequentes, tal como mais coerentes. Lakoff (1987) e Taylor (1989) definem uma dezena de *esquemas imagéticos* que estruturam metaforicamente a experiência humana e quase todos têm propriedades espaciais – mais exatamente, originam-se na experiência do corpo humano no espaço. O esquema imagético de PERCURSO, de que nos valem para interpretar a motivação das UFs que analisamos neste trabalho, compreende elementos básicos: o ponto de partida, o ponto de destino, a distância entre esses dois pontos (no sentido de caminho ou de „terreno/superfície“ que é preciso percorrer), o caráter graduável do progresso que implica os pontos (paragens) ao longo do caminho, a direcionalidade do movimento, a temporalidade, o sujeito que percorre o caminho (viajante), o meio de movimento (na maioria dos casos um meio de transporte). Pode, claro está, incluir outros elementos facultativos, por exemplo obstáculos ou facilidades no caminho, guias etc.. Lakoff toma em consideração a possibilidade de tais esquemas imagéticos, por serem tão profundamente enraizados na experiência humana, representarem certos „universais semântico-conceptuais“. Em todo o caso, eles incluem uma certa lógica interior que faz possível um *raciocínio espacial*; essa “lógica espacial” dos esquemas imagéticos mantém-se nos mapeamentos metafóricos para se tornar *uma lógica abstrata nos domínios destino não-espaciais*.<sup>23</sup> Um esquema imagético – por exemplo o de PERCURSO – pode, por conseguinte, servir de domínio fonte de uma metáfora; tal metáfora pode, ao nível genérico, ser designada de Metáfora de VIAGEM.

Mas o que é para nós, concretamente, o “Modelo espacial de MAR” e como é que nos pode servir na interpretação do significado das UFs? A própria análise

---

<sup>21</sup> A semântica cognitiva interpreta esses vetores como esquemas imagéticos que estruturam as experiências básicas humanas.

<sup>22</sup> Batoréo (2000) nota que o próprio conceito de *domínio* – que Langacker interpreta como uma área coerente de conceptualização em relação a qual é possível caracterizar as unidades semânticas – em princípio é definido em termos espaciais.

<sup>23</sup> Veja-se Lakoff/Turner 1989.

da motivação do significado das expressões com o constituinte *mar* (e outros da mesma esfera semântica) revelou que na maioria dos casos o fator crucial é efetivamente uma *conceptualização espacial* do mar. O mar representa um espaço físico, concreto, que faz uma parte saliente da experiência – tanto físico-percetiva, como cultural – do povo português. Por meio dessa experiência concebem-se, em princípio metaforicamente, muitos conceitos abstratos; supostamente, a esses processos temos acesso através de um grande número de expressões convencionais linguísticas em que se encontram “materializados”. Quer dizer, a “lógica espacial” transporta-se aos domínios destino das metáforas aos quais remete o significado idiomático das UFs analisadas.<sup>24</sup> Na maioria dos casos não se trata de metáforas isoladas, mas de sistemas coerentes metafóricos mais ou menos complexos.

O ESPAÇO representa, portanto, um domínio fonte extremamente produtivo das metáforas conceptuais em geral, e no nosso caso, o ESPAÇO é MAR.<sup>25</sup> Ao mar – como espaço físico – o homem atribui certas propriedades (quer objetivas ou subjetivas); quais as propriedades que vão ser “ativadas” em determinados mapeamentos metafóricos, depende do domínio destino em questão e das analogias que é possível estabelecer com o mesmo.

O mar, como um espaço experiencialmente perceptível, refere-se ao nível de domínio destino a um *espaço conceptual abstrato*, análogo ao físico. Tal “espaço” pode, muito geralmente, ser definido como uma (ESFERA DE) AÇÃO.<sup>26</sup> Aos domínios e conceitos não-espaciais “atribui-se” a espacialidade por meio de metáforas, para os podermos – criando uma ilusão de proximidade experiencial – perceber melhor. Mais concretamente, a suposta proximidade experiencial refere-se, na maioria dos casos, à experiência de movimento de corpo no espaço; isto é, num modelo espacial a AÇÃO em princípio é conceptualizada como MOVIMENTO.

A análise dos significados das UFs revelou que o mar como espaço pode ser concebido em duas „dimensões“: uma estática e outra dinâmica. Na primeira é conceptualizado como uma superfície estática pela qual se move/viaja o

---

<sup>24</sup> Kövecses (2005), refletindo sobre os critérios da ligação de dois domínios como fonte e destino, argumenta que em princípio tem que existir entre eles uma certa analogia; tal analogia pode ser estrutural (os domínios partilharem estrutura ao nível genérico), ou então basear-se em certas “semelhanças” de vários tipos entre dois domínios, em propriedades comuns que podem ser reais, mas também “impressionistas” ou subjetivas.

<sup>25</sup> O paradigma antropológico na fraseologia argumenta que o fator cultural é o que determina que tipo específico de espaço vai obter o estatuto de domínio fonte, ou seja, ser “ativado” nas expressões linguísticas convencionais. Na fraseologia portuguesa o MAR parece manifestar-se como conceito prototípico de ESPAÇO (questão de preferência conceptual).

<sup>26</sup> Numa investigação concentrada no contexto idiomático das UFs, sem tomar em consideração os contextos discursivo ou de comunicação, não é possível especificar ou definir concretamente os domínios destino.

„sujeito“<sup>27</sup> dinâmico – é o caso da Metáfora de viagem marítima – ou, por outro lado, como um líquido, também estático, num contentor ao qual o sujeito pode entrar ou dele sair. Na conceptualização do mar como uma „massa“ (de água) estática, o sujeito é dinâmico. Noutra dimensão, por sua vez, o mar é conceptualizado em alguma forma de movimento dinâmico, como propulsor do sujeito estático. Essa oposição conceptual manifestou-se relevante em todas as estruturas metafóricas do Modelo espacial de MAR.

Além disso, no contexto do Modelo espacial do MAR estabelecemos uma distinção entre dois tipos básicos de motivação conceptual, relativamente à base experiencial: um baseado na experiência físico-percetiva („objetiva“) de espaço, em que predomina marcadamente a estrutura que aqui apresentamos sob designação de Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA, e outro baseado predominantemente num outro tipo de experiência de espaço mais subjetivo, que definimos como „secundária/indireta“ ou „cultural“.

Quando se trata da conceptualização espacial do mar baseada na experiência físico-percetiva, o nosso modelo, como já foi mencionado, corresponde em muitos elementos à metáfora espacial complexa – mais exatamente, um modelo metafórico – postulado por Lakoff (1993) como a *Metáfora de Estrutura do Evento* (*Event Structure Metaphor*). Sublinhamos, desde já, que no nosso modelo de análise não pretendemos seguir estritamente os princípios de estruturação dessa metáfora. Adotamos, entretanto, na sua totalidade o princípio básico em que foi postulada: os „eventos“ e seus vários aspetos como estados, mudanças, processos, ações/atividades, causas, meios, objetivos/propósitos, manifestam-se metaforicamente como elementos de certos fenómenos físicos: *espaço* (*lugar*), *movimento* e *forças*. Tal princípio de metaforização, que os resultados do nosso estudo corroboram, é baseado na experiência corporal.

Se tomarmos em consideração que cada „evento“ decorre no tempo, isto é, que tem um certo curso (temporal), podemos dizer que esse tempo na realidade é concebido como espaço. Por conseguinte, o que está em questão é a metáfora conceptual TEMPO é ESPAÇO (o exemplo do nível mais específico: VIDA é VIAGEM).

Na base do modelo estão algumas metáforas conceptuais genéricas e esquemáticas,<sup>28</sup> cuja estrutura se mapeia para metáforas mais específicas e mais elaboradas do nível básico, cognitivamente muito mais acessível. Simplificando,

---

<sup>27</sup> O „sujeito“ aqui é compreendido como elemento „conceptualmente saliente“ (no sentido semântico-pragmático) da própria UF, o „foco semântico“, aquele em que se concentra a atenção em relação ao contexto idiomático. Na terminologia cognitivista, embora se refira principalmente à semântica das construções gramaticais (principalmente de Langacker e de Talmy), poderíamos designá-lo a *figura* (ou *trajetor*) – o participante ao qual se atribui especial proeminência e à volta do qual a cena é organizada – em relação à *base* (ou *fundo*, *marco* – no sentido de ponto de referência). Sobre isso, veja também Silva (1999: 58-61).

<sup>28</sup> Não têm domínios fonte nem domínios destino concretos ou „fixos“, nem um inventário fixo de entidades mapeadas.

o domínio destino de todo o complexo são EVENTOS, enquanto o domínio fonte é ESPAÇO.

Esse princípio generalizado de metaforização é aplicável a vários aspetos de conceptualização do MAR „atestados“ nas UFs. Passaremos a apresentar – e exemplificar – a estrutura do aspeto decerto mais „transparente“ (em termos cognitivos e estruturais) e ao mesmo tempo bem produtivo na „geração“ de motivação das expressões linguísticas, inclusive as fraseológicas.

#### 4. Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA (domínio de NAVEGAÇÃO)

Na própria base deste complexo, são identificáveis algumas metáforas básicas: OBJETIVOS / PROPÓSITOS são DESTINOS, ou AÇÕES / ATIVIDADES PROLOGANDAS PROPOSITADAS são VIAGENS. Os domínios destino específicos podem ser bem diversos; o crucial é que vários tipos de „eventos“ e particularmente as *ações*, ou seja as *atividades propositadas* do sujeito são conceptualizadas como viagens em direção a um certo destino. Provavelmente, o domínio destino mais frequente – se bem que geral – é a própria VIDA; a metáfora VIDA é VIAGEM pode também servir para interpretação da motivação de muitas UFs da nossa „base de dados“. Dado que nos concentramos, na apresentação dos resultados da análise, no nível específico de interpretação – pelo menos no que toca a domínio fonte – a „nossa“ metáfora pode desde já ser definida como VIDA é VIAGEM MARÍTIMA.

A própria metáfora conceptual VIDA é VIAGEM é convencional e bem universal. Embora os mapeamentos característicos de uma mesma metáfora possam variar em línguas e culturas diferentes, nesta parecem relativamente estáveis, pelo menos na „cultura ocidental“. <sup>29</sup> Isso significa que, em relação à vida, as pessoas experienciam-se a si mesmos como viajantes que se movem ao longo de um caminho, rumo a um destino (ou vários destinos). Uma viagem subentende mudança de lugar, etapas diferentes, e o êxito no progresso (na vida) é avaliado com respeito à distância ou caminho percorridos. Como já referimos, no caminho podemos ficar expostos a várias dificuldades, a obstáculos que dificultem o progresso, mas por outro lado, as circunstâncias podem ser favoráveis, podemos ter companheiros de viagem com o mesmo objetivo, guias-colaboradores etc. Convém salientar uma particularidade da metáfora de VIAGEM quando o domínio destino e a própria VIDA; o destino final não é visto como um fim desejado – como no caso de várias „atividades propositadas“ do homem – mas como um fim *necessário* que nos é predestinado. O destino final, claro está, é a morte. <sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Essa tese é corroborada por vários estudos no âmbito da semântica cognitiva, partindo de Lakoff (1993). Veja também Kövecses (2005: 123-127). Além do domínio de VIDA, os domínios destino mais frequentemente ligados à metáfora de VIAGEM são os de AMOR e CARREIRA.

<sup>30</sup> Por outro lado Silva (1999: 48), referindo-se em parte a Lakoff/Turner (1989), considera mais exato sustentar que a conceptualização da VIDA se refere a *três* viagens, ou seja, que a morte nas expressões linguísticas é conceptualizada como o começo de uma

A estrutura geral da metáfora de VIAGEM corresponde àquilo que os cognitivistas identificaram como esquema imagético de PERCURSO e reflete a experiência humana universal de movimento de corpo no espaço.

Por motivo de generalização – posto que as UFs da nossa „base de dados“ se referem aos domínios destino diversos – definiremos o domínio destino geral desta metáfora como AÇÕES / EVENTOS. Apresentaremos, de um modo esquemático, os mapeamentos em que se baseia a metáfora AÇÕES / EVENTOS são VIAGENS:

viajante	→	sujeito de ação (quem pratica a ação)
viagem (movimento ao longo do caminho)	→	própria ação, curso da ação
destino (destinos) da viagem	→	objetivo(s) (desejado/s) / propósito da ação
distância até o destino	→	distância até ao objetivo
chegar até ao destino	→	alcançar o objetivo (desejado) da ação
caminho (distância) percorrido	→	progresso feito (para alcançar o objetivo)
velocidade do movimento (viagem)	→	rapidez da ação
lugares / paragens ao longo do caminho	→	fases / etapas da ação
obstáculos / dificuldades no caminho	→	dificuldades na ação
circunstâncias favoráveis / „facilidades“ no caminho	→	circunstâncias atenuantes/favoráveis à ação
meios de viagem (de transporte)	→	meios / modo de ação (meios para alcançar o objetivo)
guias na viagem	→	colaboradores ou aconselhadores na ação
progresso na viagem (movimento em direção ao destino)	→	progresso na ação
saber mover-se (rumo ao destino)	→	saber agir

---

nova viagem: „O nascimento é o termo da nossa primeira viagem (cf. *vir, chegar ao mundo, o bebé vem a caminho, já chegou*); daí até à morte realizamos a nossa segunda viagem no mundo (somos viajantes, os nossos propósitos são destinos e os meios para os realizarmos são caminhos, as dificuldades da vida são obstáculos, o progresso realizado é a distância percorrida e as escolhas são encruzilhadas); a morte é o começo da nossa última viagem (ele *deixou-nos, partiu, foi para a sua última morada, aindal/já não está connosco*)“.

escolher um certo caminho (rumo ao destino), a direção da viagem	→	escolher o objetivo e o modo para o alcançar (uma „tática“, „linha“ de ação)
orientar-se no caminho	→	saber como agir (para alcançar o objetivo)
ter uma certa rota / curso de viagem	→	saber como agir (para alcançar o objetivo)
desviar-se / sair da rota/curso de viagem	→	errar, agir „mal“, prejudicar o progresso rumo ao objetivo
viajar no mesmo caminho (mesma direção) (com outro/s sujeito/s)	→	agir do mesmo modo (possivelmente juntos) ou com o mesmo objetivo
diversos caminhos até ao destino	→	diversos modos para alcançar o objetivo

Em alguns elementos, a Metáfora de VIAGEM coincide com a mencionada Metáfora de Estrutura do Evento (que lhe é hierarquicamente superior), sendo também o esquema de PERCURSO uma das componentes básicas desta. Na base de ambas as metáforas está a ideia de os „estados“ serem conceptualizados como lugares, e a mudança de estado como movimento. Duas metáforas fundamentais desse complexo – ESTADOS são LUGARES e MUDANÇA é MOVIMENTO – têm certas implicações; indicaremos apenas as mais importantes para a compreensão das UFs analisadas:

CAUSAS DE MUDANÇA são FORÇAS QUE CONTROLAM O MOVIMENTO  
AÇÃO é MOVIMENTO INDEPENDENTE (AUTOPROPULSIVO)<sup>31</sup>  
AÇÃO PROPOSITADA é MOVIMENTO DIRECIONADO RUMO AO DESTINO

Na Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA (domínio de NAVEGAÇÃO) o próprio mar é conceptualizado como „caminho“, mais concretamente, como superfície/“terreno“ que o sujeito percorre na sua viagem até ao destino. Como veremos dos resultados da análise das UFs, esse „terreno“ pode ser mais ou menos favorável ao sujeito, ou seja, facilitar o seu progresso ou então dificultá-lo. Como se pode dizer, geralmente, que o domínio fonte neste caso específico é o domínio de NAVEGAÇÃO, distinguem-se conceptualmente outros conceitos do

---

<sup>31</sup> Realçamos o facto de uma ação propositada ser metaforicamente relacionada com o movimento *autopropulsivo* (*independente*) do sujeito. Isto porque é possível conceber o movimento também de outra forma: como um movimento por inércia, dependente de alguma *força exterior* que neste caso é geralmente uma *força natural* – em muitos casos o próprio mar em alguma forma de agitação (ondulação, corrente...). A oposição entre o movimento autopropulsivo (do sujeito) e o movimento controlado por outras forças exteriores está marcadamente ligada a duas dimensões já referidas do Modelo espacial de MAR: a estática e a dinâmica.

mesmo campo ideográfico, que também fazem parte da nossa investigação. Nas viagens marítimas os meios de transporte são vários tipos de embarcações, pelo que o próprio conceito de EMBARCAÇÃO se manifesta como chave para elucidar alguns aspetos do modelo metafórico. No material linguístico que analisámos esse conceito e „codificado“ por vários lexemas: *barco, barca, embarcação, bote, navio, nau, nave*. Foi também interessante observar como é que os elementos particulares do próprio conceito de EMBARCAÇÃO se referem a uns aspetos/propriedades específicos do domínio de NAVEGAÇÃO e, dessa maneira, da Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA. A contribuição desses elementos para a motivação do significado idiomático é ao mesmo tempo um argumento a favor da participação dos significados dos respetivos lexemas – *âncora, borda, leme, mastro, popa, proa, remo, vela*, mas também p.e. *marinheiro, mareante* – no contexto idiomático de uma UF.

Apresentaremos, em seguida, os mapeamentos metafóricos específicos no âmbito da Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA que, de diversos modos, motivam os significados idiomáticos das UFs da nossa „base de dados“.<sup>32</sup>

#### 4.1. INÍCIO DA AÇÃO É INÍCIO DA VIAGEM → CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE SE INICIA UMA AÇÃO SÃO CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE SE METE AO CAMINHO

*Quem vai ao/para o mar, previne-se / avia-se / aparelha-se em terra.<sup>33</sup>  
Quem mais mete na barca, mais saca.*

A fim de uma interpretação mais pormenorizada da motivação dessas parémias, aos mapeamentos acima indicados poderíamos acrescentar uma outra correspondência: PREPARATIVOS PARA UMA AÇÃO SÃO EQUIPAMENTO PARA UMA VIAGEM.<sup>34</sup> O primeiro provérbio está enraizado no uso e ocorre em muitas variantes. Entretanto, a Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA motiva apenas parcialmente o seu significado. É também relevante para ele a conceptualização do mar que igualmente resulta, principalmente, da experiência direta e refere-se, ao nível de domínio destino, a uma „zona“ de AVENTURA / RISCO / INCERTEZA / PERIGO.<sup>35</sup> As UFs sugerem, portanto, que a ação que o sujeito empreende é

<sup>32</sup> Notando desde já que na maioria dos casos a motivação do significado resulta da combinação de vários mecanismos (principalmente metáforas) e vários aspetos do Modelo espacial de MAR; neste trabalho, entretanto, concentramo-nos, primeiro que tudo, no „funcionamento“ da própria Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA.

<sup>33</sup> Outras variantes registadas: *Quem vai para o mar aparelhe-se em terra; Quem for para o mar, avie-se em terra* (não ha alterações na composição lexical, mas o presente é substituído pelo conjuntivo, em função de incentivo); *Quem vai para o mar, prepara-se em terra; Se vais ao mar, apresta-te em terra; Quem não tem preparos, não vai ao mar alto.*

<sup>34</sup> O *equipamento* neste caso pode referir-se aos recursos materiais, mas também à preparação mental ou espiritual.

<sup>35</sup> Que pertence já a um outro modelo metafórico, ou seja, a um outro aspeto de conceptualização de MAR. Além disso, está aqui evidente uma conceptualização do mar como o contrário da terra, em função de *POSIÇÃO CANÓNICA* – um princípio que participa na motivação de muitas UFs da nossa „base de dados“.



arriscada, incerta, potencialmente até perigosa, pelo que desde o próprio início são cruciais as precauções e preparação adequadas.

*Quando o mar está de feição é que é molhar a vela.  
Quando há vento é que se iça a vela.*<sup>36</sup>

Os provérbios sugerem que a ação é aconselhada só quando as *circunstâncias externas* lhe são propícias. Também neste caso uma parte da motivação – a que se refere a circunstâncias externas – deve-se a uma outra estrutura metafórica no âmbito do Modelo espacial de MAR, designada o Domínio de FORÇAS NATURAIS; as circunstâncias externas, independentes do sujeito, são nela conceptualizadas como as forças da natureza, neste caso específico – o mar e o vento.

*Um remo só não leva o barco ao mar.*

*Quem embarcou com o diabo tem de navegar com ele.*

O significado das UFs indicadas refere-se à „companhia“, aos co-participantes, colaboradores numa empresa ou numa ação. A participação nos mesmos empreendimentos é frequentemente conceptualizada como embarque na mesma embarcação.

*Barco parado não faz viagem.*<sup>37</sup>  
*Barco parado / amarrado não ganha frete.*

No esquema geral da metáfora AÇÕES / EVENTOS são VIAGENS já indicámos que o meio de transporte – neste caso, a embarcação – é metaforicamente conceptualizado principalmente como meio (ou meios) para alcançar o objetivo. O sentido que se sugere é: quem não arrisca, não petisca, quem não se atreve a uma empresa, não ganha. Sobre a conceptualização de EMBARCAÇÃO – mais no subcapítulo 4.4., mas saliente-se desde já que em dois provérbios acima referidos o *barco* pode ser entendido também como uma personificação (SUJEITO DE AÇÃO é EMBARCAÇÃO). A segunda parte da UF vem em duas versões: as duas dizem

---

<sup>36</sup> Este provérbio tem muitas variantes: *Enquanto há vento / venta, molha-se / se molha / é molhar / é que se molha a vela* (“quand un enterprise est en train il faut la mener a son terme; chaque situation exige des moyens appropriés” – Lacerda, R. Cortes de / Abreu, E. dos Santos / Lacerda, H. R. Cortes de / Lamaison, D. (2000). *Dicionário de Provérbios: Francês, Português, Inglês*, Lisboa: Contexto); *Quando há vento é que se molha a vela* (“aproveitar bem as oportunidades” – Neves, O. (1991). *Dicionário Popular de Frases Feitas*, Porto: Lello & Irmão); *Na ponta do vento molha-se a vela*; *Vento bom, água na vela*; *Molha-se a vela conforme o vento*; *Conforme o vento, as velas*. Saliente-se que a maioria das UFs é verificada em varias fontes; indicamos as definições fraseográficas dos significados das expressões só quando explicitamente registadas em alguma das fontes do corpus e exclusivamente nesses casos trazemos também os dados bibliográficos.

<sup>37</sup> Variantes: *Barco ancorado não faz viagem*; *Barco parado não vai a nenhum lado*; *Barco parado não segue viagem*.

respeito à realização do objetivo desejado, mas enquanto na primeira esse objetivo não vem especificado, na segunda está concretizado como lucro ou proveito.

#### 4.2. FACILIDADES NA AÇÃO são FACILIDADES NA VIAGEM DIFICULDADES NA AÇÃO são OBSTÁCULOS / DIFICULDADES NA VIAGEM

*navegar / nadar / vogar / ir em mar de rosas*<sup>38</sup>  
*andar em maré de rosas*  
*navegar em mar cheio*<sup>39</sup>  
*(ir / navegar) de vento em popa*<sup>40</sup>  
*navegar com vento de feição / folgado*<sup>41</sup>  
*ter vento à maré*<sup>42</sup>  
*Tudo parece navegar no melhor dos mares.*<sup>43</sup>

Todas as UFs acima indicadas exprimem metaforicamente uma ação – ou existência – em circunstâncias externas muito favoráveis. Em algumas delas o foco semântico efetivamente nem está na própria ação (como um processo), mas nas circunstâncias e eventos externos que favorecem marcadamente a existência ou a ação do sujeito. São conceptualizados, como já foi mencionado, em termos de certas „forças naturais“ que influem no movimento: o mar como uma „massa“ de água relativamente estática (*mar de rosas*), o mar em fase (mais dinâmica) de maré cheia (*maré, mar cheio*), um vento propício à navegação (*vento em popa, vento de feição / folgado*) ou então uma „combinação“ de forças (*ter vento à maré*) que acentua ainda mais a expressividade da UF. O conceito de MARÉ CHEIA, por sua vez, contribui à motivação de uma maneira específica, já que – por meio do esquema imagético „em cima-em baixo“, baseado na experiência corporal direta – no domínio destino se refere sempre a qualquer coisa positiva, independentemente do conceito específico em questão. Na expressão idiomática *navegar em mar cheio*, se nos fiarmos

<sup>38</sup> „andar alegre, viver muito feliz; correrem as coisas bem; ir de foz em fora, de vento em popa, a seu gosto“ (Barata, A. Martins (1989). *Dicionário Prático de Locuções e Expressões Peculiares da Língua Portuguesa: Sinonímia e interpretação*, Braga: Livraria A.I.; Plecinski, J. (1998). *Dicionário Idiomático Português-Polaco*, Poznan: Wydawnictwo Naukowe Uniwersytetu)

<sup>39</sup> „possuir uma fortuna bem estabelecida“ (Barata, *Ibidem*)

<sup>40</sup> „(ir) muito bem, prosperamente, bem encaminhado; progredir; correr conforme o previsto; com felicidade ou sucesso, com a ajuda das circunstâncias; de bem a melhor“ (Neves, *op.cit.*; Barata, *Ibidem*; Ribeiro, M. (2003). *Provérbios e Adágios Populares*, Lisboa: Planeta Editora). Aparecem nas fontes outras variantes: *vento em popa* (“vento de feição, favorável; prosperidade, fortuna” – Barata, *Ibidem*); *Foi-lhe o negócio com vento em popa*.

<sup>41</sup> No calão náutico (segundo Lanhoso, A. Coutinho (1960). *Rifoneiro do Mar*, Porto: Livraria Galaica) tem também o significado „fugir“.

<sup>42</sup> „ter tudo a seu favor; ter a faca e o queijo na mão“ (Barata, *Ibidem*)

<sup>43</sup> „tudo parece correr no melhor dos mundos, às mil maravilhas“ (Barata, *Ibidem*)

na definição lexicográfica, „o positivo“ é especificado como uma segurança material ou riqueza.<sup>44</sup>

Contudo, nesse tipo de UFs, que predominantemente compreendem uma interação de duas (ou mais) estruturas metafóricas, o MAR é conceptualizado, ao mesmo tempo, como superfície ou espaço em que decorre a VIAGEM e como FORÇA NATURAL que influi no movimento, ou seja, no decorrer da viagem.

*Com bom vento e de feição é fácil a navegação.*<sup>45</sup>

*Vento na popa é meio porto.*

*Mais anda quem tem bom vento do que quem muito rema.*<sup>46</sup>

*Quando o mar está calmo, qualquer um pode ir ao leme.*

*Enquanto o mar bonança todos são bons pilotos.*<sup>47</sup>

*No mar bravo às vezes há bonança.*<sup>48</sup>

*Deus (a)diante, o mar é chão.*<sup>49</sup>

*Dinheiro faz o mar chão.*

As UFs acima referidas partilham da motivação conceptual das apresentadas no grupo que lhes precede – refere-se também a circunstâncias propícias para viagem/ação. Estas, entretanto, implicam uma componente semântica adicional, “avaliativa” – sugerem, de diversos modos, que para o decurso da ação as circunstâncias externas são mais importantes do que o empenho (esforço, capacidades, espírito empreendedor) do próprio sujeito – aquele que “rema”, que está “ao leme”, que é “piloto”. O significado literal do provérbio *No mar bravo às vezes há bonança* baseia-se no contraste entre as circunstâncias favoráveis e desfavoráveis à navegação, ou seja, em dois “estados” da superfície do mar (*mar bravo / bonança*);<sup>50</sup> quando o mar está borrascoso, ele, como uma força externa, controla o movimento, isto é, o sujeito perde o controlo do curso da sua viagem.

<sup>44</sup> É possível até que tal interpretação resulte de uma extensão semântica do próprio adjetivo *cheio* (p.e. *estar cheio de dinheiro*), mas isso não passa de uma hipótese.

<sup>45</sup> Variantes: *Com vento de feição não há má navegação*; *Com bom vento e de feição, boa é a navegação*; *Navio com bom vento e gente de feição, navega sempre na perfeição*.

<sup>46</sup> Variante: *Mais anda quem tem bom vento que o que rema com alento*.

<sup>47</sup> Variantes (se bem que não contêm os „lexemas-alvo“): *Com bom vento todos são pilotos*; *Não há mau piloto quando o tempo é bom*; *Com bom tempo não faltam pilotos*; *Não há mau piloto quando o ano é bom*. As fontes referem que diversas variantes desta sentença eram prediletas dos autores latinos, por exemplo de Séneca. Devido em parte a esse facto, aparece em todas as línguas românicas, mas é também uma das mais universais fora dos limites da área românica.

<sup>48</sup> Variante: *Não há mar bravo que não amanse*.

<sup>49</sup> Análogo parece o provérbio *Sem Deus, nem até a porta e com Deus, através dos mares*, mas a sua motivação não se deve tanto à metáfora de VIAGEM como à conceptualização do mar como zona de perigo/risco (cabe, como já mencionamos, a uma outra estrutura metafórica, também de índole espacial).

<sup>50</sup> O que remete à ambivalência do mar como elemento da experiência direta físico-perceptiva – tem dois polos (positivo e negativo) e está em constante mudança. São muitas as UFs que ilustram como essa ambivalência se reflete ao nível conceptual.

No significado idiomático, o mesmo princípio transfere-se à ação. Em duas últimas UFs o movimento/ação efetivamente não depende das circunstâncias externas, mas de uma “terceira parte” que regula essas circunstâncias: na penúltima é o caso de Deus, e na última do dinheiro (os dois conceitos expressos com significados literais).

*navegar em águas turvas*

Esta expressão idiomática merece um comentário à parte, dado que nela as “águas turvas” são, surpreendentemente, conceptualizadas como circunstâncias favoráveis à navegação e, por conseguinte, no domínio destino – como facilidades para a ação. O foco semântico não recai na boa visibilidade durante a navegação, mas na ideia de que a embarcação e o seu movimento (viagem) são mal visíveis, quer dizer, *escondidos* a potenciais observadores. A motivação fundamenta-se na combinação da Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA com uma metáfora muito produtiva: COMPREENDER é VER (Sweetser 1990); uma das suas implicações diz: “OFUSCAR” / PERTURBAR O JUÍZO (*de alguém*) é “TURVAR” (*lhe*) A VISTA, ou então: ENGANAR (*alguém*) é IMPEDIR (*lhe*) A (BOA) VISTA. Portanto, a navegação em águas “turvas” refere-se a uma ação intencional nas circunstâncias obscuras que em princípio é escondida, clandestina, ilegal. Mais convencional ainda é o sinónimo fraseológico: *pescar em/nas águas turvas / mornas*; o significado referido nas fontes é: “*tirar proveito da confusão ou da desordem; procurar saber por meios indiretos; indagar arditosamente*”.

*navegar entre duas águas*<sup>51</sup>  
*navegar com todos os ventos*<sup>52</sup>

Os significados de duas expressões idiomáticas indicadas são correspondentes, mas apesar disso, os seus sentidos – graças à motivação conceptual que não é exatamente idêntica – são algo diferentes. Como o significado literal da primeira UF se baseia nas circunstâncias desfavoráveis à navegação (navegação entre duas correntes contrárias), a conotação em princípio remete a um „balanceamento“ desagradável e custoso (se bem que hábil) entre as diversas „esferas de interesse“. No significado literal da segunda UF as „forças externas“ favorecem claramente a ação; a ideia de oportunismo contida no significado idiomático (que, por exemplo, não está presente no significado da expressão *navegar com vento de feição*) deve-se supostamente à imagem de „*todos*“ os ventos diferentes a que o „homem de leme“ é capaz de se adaptar.

---

<sup>51</sup> „navegar entre duas correntes de sentido contrário; flutuar entre dois partidos ou opiniões diferentes“ (Barata, *Ibidem*)

<sup>52</sup> „tirar partido de todas as circunstâncias, adaptar-se a qualquer sistema ou doutrina política; mudar de um partido para outro que está no poder“ (Silva, A. de Morais 1949). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Imp. Libânio da Silva).

*Se não há vento, rema.*

*ter alguém / alguma coisa pela proa*<sup>53</sup>

*sair-lhe pela proa*<sup>54</sup>

Diversas dificuldades na ação podem exprimir-se metaforicamente por meio de vários tipos de dificuldades no caminho – podem referir-se ao estado da superfície que se percorre, à influência das forças externas que prejudicam ou impedem o movimento, à falta de energia propulsora, a obstáculos diversos. Este é o caso das duas últimas UFs indicadas, em que um sujeito/objeto indefinido interceta o caminho da embarcação rumo ao destino (a PROA – como um dos elementos do conceito de EMBARCAÇÃO – indica sempre um movimento para a frente, em direção ao destino, ou seja, uma ação propositada com um fim determinado).

*Está o mar um cão.*<sup>55</sup>

*Em tempo de borrasca não há porto seguro.*

*Poucos passam o mar sem contar da tormenta.*<sup>56</sup>

Em todas as três UFs acima referidas as forças externas desfavorecem o movimento, prejudicam a viagem em direção ao destino. O papel do constituinte zoonímico na primeira UF poderia, em termos fraseológicos, ser qualificado como uma motivação ilógica ou absurda, mas apesar disso, o significado é bem transparente. Na segunda UF aparece o conceito de PORTO, na Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA o domínio destino para OBJETIVO DA AÇÃO; aqui, porém, verificamos uma especialização semântica também convencional: SEGURANÇA é PORTO. A terceira UF, por sua vez, sugere que o caminho até ao destino (REALIZAR O OBJETIVO DESEJADO DA AÇÃO e “PASSAR O MAR”) é quase sempre difícil, “espinhoso”, mas ao mesmo tempo incentiva à perseverança.

4.3. PROGRESSO NA AÇÃO é PROGRESSO NA VIAGEM (MOVIMENTO EM DIREÇÃO AO DESTINO) →  
DEFINIR / ESCOLHER UMA “TÁTICA” DE AÇÃO é DEFINIR / ESCOLHER A DIREÇÃO DA NAVEGAÇÃO →  
SABER COMO AGIR é ORIENTAR-SE NO CAMINHO

A base da motivação do grupo de UFs que se segue relaciona-se com a conceptualização da ação propositada como movimento *direcionado*. No domínio fonte, isso subentende o movimento *para a frente, em direção ao destino* e uma boa

---

<sup>53</sup> „ter alguém a fazer frente; pela frente ou contra si; ou interceptando o caminho que o navio segue” (Silva, *Ibidem*)

<sup>54</sup> „aparecer inesperadamente um obstáculo” (Neves, *op.cit.*)

<sup>55</sup> „(calão naut.) mar embravecido, diz-se do mar agitado; diz-se quando se anda com pouca sorte; correrem mal as coisas; designa infortúnio, azar” (Lanhoso, *op.cit.*, Neves, *op.cit.*). É uma de muitas UFs da nossa „base de dados” que permitem uma „leitura” em dois níveis de figuração/idomaticidade, dependente do contexto; quase todas referem-se, a nível mais básico, à terminologia náutica ou calão dos marinheiros.

<sup>56</sup> Um sinónimo fraseológico: *Não pode/pode passar o mar sem da fortuna mel/se queixar.*

*orientação*.<sup>57</sup> O modo escolhido de ação exprime-se muitas vezes metaforicamente como uma direção escolhida de viagem.

*pôr proa*<sup>58</sup>

*virar / mudar de bordo*<sup>59</sup>

*virar a proa*<sup>60</sup>

Nas duas UFs acima referidas a “viragem” numa ação por vontade própria é conceptualizada como uma mudança voluntária, ou seja, uma escolha de rumo da navegação. Além disso, a dimensão do significado que remete à “mudança de opinião” ou à “passagem a outro assunto (de conversação)” apela a um outro princípio metafórico, também baseado na “corporização”, segundo o qual o PSÍQUICO é conceptualizado como FÍSICO, isto é, a MENTE como CORPO. Portanto, uma viragem física transmite metaforicamente uma viragem mental.

*perder o leme*<sup>61</sup>

*Com boa agulha se chega ao porto.*

*Marinheiro que não marca,<sup>62</sup> mal guia a sua barca.<sup>63</sup>*

*Barco perdido dá à costa.<sup>64</sup>*

*Quem não quer sofrer o leme tem de sofrer o escolho.*

*Barco sem leme, pronta perdição.*

*Muito diremos e muito faremos, mas mal vai o barco sem rumo.*

Todas as UFs acima referidas atualizam o conceito metafórico de ORIENTAÇÃO, ou mais exatamente, de PERDA DE ORIENTAÇÃO que se reflete

<sup>57</sup> Casadei (1996: 131-134), por exemplo, fala sobre uma „orientação canónica”, o conceito que implica que cada possibilidade de mudança ou de ação pode ser conceptualizada como a possibilidade de orientação no espaço. Não se orientar significa estar inseguro e instável na ação. À „orientação canónica” a autora também liga a metáfora O POSITIVO é DIREITO / O NEGATIVO é TORTO.

<sup>58</sup> „dispor tudo para levar a cabo (um negócio)” (Barata, *op.cit.*)

<sup>59</sup> „virar de proa; mudar de rumo, de direção, de rota; desandar; mudar de tenção, de opinião; mudar de proceder” (Barata, *op.cit.*, Silva, *op.cit.*). Variante: *fazer-se em outro bordo*.

<sup>60</sup> „virar de bordo, mudar de rumo; passar a outro assunto, variar” (Barata, *op.cit.*)

<sup>61</sup> „ficar indeciso, embaraçado; perder o rumo, o norte, desnortear-se” (Barata, *op.cit.*). Registam-se duas variantes desta expressão idiomática relativamente frequentes no uso dos falantes do português, mas como não contêm „lexemas-alvo”, não fazem parte da „base de dados”: *perder a tramontana* (“ficar indeciso; perder o rumo, desnortear-se; atrapalhar-se, atarantar-se, irritar-se muito, cometer despropósitos, dar por paus e por pedras; perder a cabeça” – Barata, *op.cit.*, Neves, *op.cit.*) e *perder a bússola*. A definição lexicográfica inclui o significado que não se refere à esfera de ação, mas à de comportamento (perda do controlo de si próprio).

<sup>62</sup> *Marcar* – „o ângulo medido (pela agulha de marear) entre a direção de um alvo e o rumo da embarcação”.

<sup>63</sup> Variante: *Timoneiro que não marca, mal vai a barca*.

<sup>64</sup> Variantes: *Barco perdido à costa vai*; *Barco perdido vem dar / é dado à costa*.

em problemas graves, às vezes até fatais, na ação. Ao mesmo tempo, todas também apontam ao controlo/perda do controlo da embarcação; são ativados nesse sentido alguns elementos do conceito complexo de EMBARCAÇÃO: principalmente o LEME, que funciona convencionalmente como o domínio fonte para o controlo, administração, e logo a BÚSSOLA (*agulha /de marear/*).

4.3.1. “DINÂMICA” DA AÇÃO é “DINÂMICA” DA VIAGEM  
AVANÇAR NA AÇÃO é MOVER-SE PARA A FRENTE (EM DIREÇÃO AO DESTINO)  
NÃO AVANÇAR NA AÇÃO é ANDAR PARA TRÁS / ESTAGNAR NA VIAGEM

*Para diante é que se navega.*

*navegar a remo e vela*<sup>65</sup>

*fazer força de vela*<sup>66</sup>

*desfraldar todas as velas*<sup>67</sup>

*a velas soltas*<sup>68</sup>

*navegar a um só remo*<sup>69</sup>

*Mal vai o barco sem remos.*

*remar sem remos*<sup>70</sup>

As UFs acima indicadas subentendem as seguintes implicações ou correspondências específicas: RAPIDEZ DA AÇÃO é VELOCIDADE DA NAVEGAÇÃO, mas também ESFORÇOS EMPREGADOS NA AÇÃO são ESFORÇOS EMPREGADOS NA NAVEGAÇÃO (AVANÇO DA EMBARCAÇÃO). É mesmo com essas funções – de esforço empregado (da parte do sujeito) e da rapidez de progresso na ação – que no domínio fonte aparecem os conceitos de VELA e REMO. É algo específica a UF *a velas soltas*, cujo significado implica a dimensão de “liberdade na ação”; se temos em vista que o controlo da ação na Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA é conceptualizado como controlo da embarcação, a imagem contida nesta UF representa uma ação sem controlo, sendo relevante que o sujeito renuncia ao controlo voluntariamente, de propósito.

*Remando de mansinho, o barco segue o seu caminho.*

---

<sup>65</sup> „empregar todos os meios; fazer, envidar todos os esforços“ (Barata, *op.cit.*). Uma motivação análoga é registada nas locuções adverbiais: *a vela e remo* (“com toda a força e diligência; com todo o empenho, com todas as veras” – Barata, *op.cit.*) e *a remo e vela*.

<sup>66</sup> „desfraldar todas as velas para que a embarcação possa andar mais depressa; fig. fazer todas as diligências, empregar todos os esforços, empenhar todas as forças para conseguir alguma coisa“ (Silva, *op.cit.*)

<sup>67</sup> „fazer força de vela; fazer todos os esforços para“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>68</sup> „a rédea solta; sem governo; sem freio; sem travão, à solta; livremente; à vontade; sem constrangimento; com inteira liberdade“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>69</sup> „proceder com pouco empenho, com fraco interesse“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>70</sup> „levar a vida em trabalhos; suportar as fadigas“ (Barata, *op.cit.*)

Separámos este provérbio do grupo de UFs precedente porque, apesar da mesma base metafórica, a motivação do significado é diferente. Embora a velocidade de viagem/ação geralmente seja percebida como um fator positivo, neste caso o significado idiomático sugere que a realização dos objetivos é muito mais provável se avançamos devagar, prudentemente, seguramente, sem riscos desnecessários.

*lançar âncora*<sup>71</sup>  
*amainar / colher / arriar as velas*<sup>72</sup>

Dado que toda a MUDANÇA ao nível genérico é conceptualizada como MOVIMENTO, deixar de se mover ao mesmo tempo significa deixar de agir. A “acalmção” pode ser apenas relativa ou temporária, como é o caso da segunda UF, enquanto “lançar âncora” em princípio remete à suspensão da ação por um período mais prolongado, ou até à desistência do objetivo previsto.<sup>73</sup>

*Quem vai atrás rema com o remo torto.*<sup>74</sup>  
*andar (para trás) como o caranguejo*<sup>75</sup>  
*progressos de caranguejo*<sup>76</sup>  
*Para trás anda o caranguejo.*

É evidente que estas três UFs não podem ser atribuídas ao domínio de NAVEGAÇÃO, mas podem sim à metáfora de VIAGEM, posto que a sua base experiencial é, sem dúvida, o esquema de PERCURSO; a metáfora, que implica a antropomorfização do *caranguejo*, é bem universal e representativa em termos de ligação do conceito de movimento para trás com um não-progresso ou fracasso na ação. A UF *progressos de caranguejo* ganha efetivamente uma extensão estilística por meio de contraste explícito desses conceitos; funciona como um oxímoro, até ironia.

---

<sup>71</sup> „aportar a; ancorar; fixar-se, estabelecer-se (num sítio)” (Barata, *op.cit.*)

<sup>72</sup> „abaixar as velas; afrouxar as atividades; moderar-se; ter mão em si” (Barata, *op.cit.*)

<sup>73</sup> Note-se que o significado da expressão idiomática *lançar âncora* não tem que implicar, em todos os contextos, uma ação. Em muitos casos significa „fixar-se num sítio” ou „formar uma família”. Tal significado também é coerente com a metáfora de VIAGEM, mas nesse caso o domínio destino é VIDA.

<sup>74</sup> Variante: *Quem tarde chega, torto remo acha.*

<sup>75</sup> „recurar; não progredir; andar devagar e para trás; hesitar; andar à banda, obliquamente, de través; diz-se de algo ou alguém que não progride” (Neves, *op.cit.*)

<sup>76</sup> „não progredir; andar para trás” (Neves, *op.cit.*)



4.3.2. AGIR DO MESMO MODO QUE OUTRO SUJEITO (POSSIVELMENTE JUNTOS) / PARTILHAR DO MESMO OBJETIVO é VIAJAR NO MESMO CAMINHO  
DIVERSOS MODOS PARA ALCANÇAR O OBJETIVO são DIVERSOS CAMINHOS ATÉ AO DESTINO

*(não) navegar nas mesmas águas (de alguém)*<sup>77</sup>

*navegar em duas águas*<sup>78</sup>

*navegar noutras águas*<sup>79</sup>

Todas as três UFs, além da esfera de ação, podem aplicar-se também à esfera de raciocínio, recorrendo ao princípio metafórico complementar PSÍQUICO é FÍSICO.

4.4. MEIOS / MODO DE AÇÃO (MEIOS PARA ALCANÇAR O OBJETIVO) são EMBARCAÇÃO

Na metáfora de VIAGEM, ao nível genérico, o “meio de transporte” em regra é o domínio fonte para meios ou modos de alcançar o objetivo. Entretanto, é mesmo com EMBARCAÇÃO, como meio de transporte no domínio de NAVEGAÇÃO, que são relacionadas “especializações” semânticas interessantes, que não se registam noutros domínios; serão apresentadas e exemplificadas nos sub-capítulos 4.4.2., 4.4.3. e 4.4.4..

*A fé é que nos salva e não o pau da barca.*<sup>80</sup>

*O vento não muda a barca, as velas é que mudam.*

Os dois provérbios apontam, de certo modo, à importância da dimensão “espiritual” da ação – em concorrência com a “material” (*pau da barca*), ou então com as circunstâncias objetivas em que a ação decorre (*o vento*). Não nos levam ao destino nenhuns meios materiais, mas só a fé – sugere o primeiro provérbio. No segundo, por sua vez, o conceito de VELA liga-se ao empenho que o próprio sujeito dedica à sua atividade e que muitas vezes, seja um fator positivo ou negativo, é mais importante para o êxito da ação do que as circunstâncias externas.

*meter / fazer água o barco*<sup>81</sup>

*Por aqui não mete / faz água o barco.*<sup>82</sup>

---

<sup>77</sup> „(não) levar o mesmo rumo, (não) seguir os mesmos passos, as mesmas opiniões; (não) ler pela mesma cartilha; (não) ter a mesma opinião“ (Barata, *op.cit.*, Neves, *op.cit.*)

<sup>78</sup> „ter duas opiniões; seguir partidos diversos por conveniência“ (Neves, *op.cit.*). Esta UF tem um outro significado „secundário“, análogo com o da UF previamente referida *navegar entre duas águas*.

<sup>79</sup> „ter opinião diferente; não concordar“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>80</sup> Variante: *A fé te salve, nanjá o pau da barca*.

<sup>81</sup> „correr (estar em) perigo; disparatar“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>82</sup> „por aqui não advém dificuldade; este ponto não oferece perigo“ (Barata, *op.cit.*)

Na interpretação de duas UFs indicadas têm um papel crucial inclusive os mapeamentos metafóricos que apresentaremos no sub-capítulo 4.5. – OBJETIVO DA AÇÃO é DESTINO DA VIAGEM (PORTO), bem como a implicação NÃO REALIZAR O OBJETIVO (DESEJADO) DA AÇÃO é NÃO CHEGAR ATÉ AO DESTINO (muitas vezes: AFUNDAR-SE). Tal base conceptual relaciona-se com os conhecimentos adquiridos via uma experiência direta: se uma embarcação mete água, é muito provável que se afunde. Ambas as UFs implicam uma “ameaça” de não realizar o objetivo, ou seja, de fracassar na ação.

*queimar os navios*<sup>83</sup>

A embarcação é o meio metafórico de ação; ainda por cima, já que se trata de uma viagem por mar – uma superfície física, tal como abstrata – a experiência direta diz-nos que sem embarcação o movimento (pelo menos a distâncias maiores) é impossível. Se queremos regressar ao ponto de partida, precisamos outra vez de uma embarcação, pelo que ela, ao mesmo tempo, se torna meio de “desistência da ação” – pelo menos, como tal se manifesta na UF indicada. Se queirmos os navios, já não há hipótese de desistência.

#### 4.4.1. EMPREENDER UMA AÇÃO é EMBARCAR<sup>84</sup>

*Quem primeiro vai à barca, primeiro passa.*

*(A) quem tarde embarca remo torto não lhe falta.*<sup>85</sup>

*Quem tem medo do mar, não (se) embarque.*

*Sem razão se queixa do mar, aquele que por gosto resolve embarcar.*

A motivação de duas últimas UFs conta também com a estrutura metafórica em que o mar é conceptualizado como uma FORÇA NATURAL que afeta gravemente o movimento, e que no domínio destino se refere à influência das circunstâncias externas na ação. Quem se aventure a uma empresa por vontade própria, sem necessidade qualquer, não tem direito a queixar-se de acontecimentos que possam surgir “no caminho”, por mais desfavoráveis que sejam.

*não ir no bote*<sup>86</sup>

→

*Não vou no bote.*<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> „criar condições tais que não seja possível o arrependimento ou a hesitação, ante os obstáculos que se antepõem a uma tentativa por demais arrojada, em que se jogue a própria vida“

<sup>84</sup> Este mapeamento é coerente com os elaborados em 4.1., relativos ao início da viagem.

<sup>85</sup> A motivação tem a ver também com a conceptualização da „dinâmica“ de viagem, comentada em 4.3.1..

<sup>86</sup> „não se deixar convencer, recusar-se a; não se deixar enganar“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>87</sup> „não vou nisso, na cantiga; não me engana, não embarco nessa canoa“ (Barata, *op.cit.*)

*Nessa não embarco (eu).<sup>88</sup>  
não embarcar em canoa furada<sup>89</sup>  
ir / embarcar no bote<sup>90</sup>*

As UFs referidas merecem um comentário mais extenso, dado que atualizam o conceito de „embarque“ de uma maneira específica. A forma „original“ é a negativa, em que o sujeito „se opõe“ a aceitar ou aderir a alguma atitude, ou seja, empreender alguma ação que se lhe está a impor; o „embarque“ não é vontade dele próprio, mas qualquer coisa a que está exposto e a que resiste. ESCOLHER MANEIRAS / „TÁTICAS“ DIVERSAS PARA CONSEGUIR O OBJETIVO é conceptualizado como ESCOLHER CAMINHOS DIVERSOS RUMO AO DESTINO; o sujeito opta pelo caminho próprio e não deixa que outro tome o controlo da sua viagem/ação. Daí o significado idiomático de „dissentimento“ ou „não-aceitação“. Porém, é curioso os significados destas UFs implicarem uma ideia de ENGANO (no sentido de VIGARICE) – segundo o nosso modelo de análise do contexto idiomático, o significado literal não explica esse aspeto de motivação. Não está claro porque é que *ir/embarcar no bote* significa „deixar-se enganar“. Mais exatamente, tal significado está completamente motivado só numa destas UFs – *embarcar em canoa furada* – onde a embarcação, e por conseguinte a ação, estão explicitamente destinadas ao fracasso.

4.4.2. SITUAÇÃO EM QUE SE AGE é EMBARCAÇÃO EM QUE O SUJEITO SE ENCONTRA →  
GOVERNAR A SITUAÇÃO é GOVERNAR A EMBARCAÇÃO →  
SUJEITO QUE CONTROLA A SITUAÇÃO é MARINHEIRO QUE CONTROLA A NAVEGAÇÃO

Uma das especializações mais marcantes de EMBARCAÇÃO como „meio de transporte“ na metáfora de VIAGEM é que ela representa não só o meio para alcançar o destino, mas também um „objeto“ que é preciso levar até ao destino – esse objeto é, geralmente dito, a situação em que se age, como fica especificado nos mapeamentos acima indicados. O provável motivo dessa especificação – a nível de hipótese – é outra vez a experiência direta, ensinando que governar uma embarcação, em comparação com outros meios de transporte (pelo menos os tradicionais), exige, provavelmente, maior perícia. A própria ideia de viagem por um „terreno“ como é o mar é ligada, na nossa mente, a todos os outros conhecimentos que temos sobre a natureza desse „terreno“, muitos dos quais implicam incerteza e perigo. De acordo com isso, a própria ideia de viagem marítima em direção a um destino implica, como condição prévia, a governação profissional e hábil da embarcação.

---

<sup>88</sup> „não vou nessa; não aceito; não adiro a isso“ (Barata, *op.cit.*). Lanhoso (*op.cit.*) refere que a expressão *Não embarco!* no calão náutico significa „não concordo“.

<sup>89</sup> „não se deixar enganar, não ir no bote“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>90</sup> „deixar-se enganar; ir no conto (do vigário), ir no balão“ (Barata, *op.cit.*)

*marear a vida*<sup>91</sup>

*ir bem / mal navegado*<sup>92</sup>

*governar o barco*<sup>93</sup>

*equilibrar o barco*<sup>94</sup>

*levar o barco / a barca a bom porto*<sup>95</sup>

*Com bom aparelho e atenção se faz boa navegação.*

*deixar correr o barco*<sup>96</sup>

*homem / marinheiro do leme*<sup>97</sup>

*ter homem ao leme*<sup>98</sup>

*ter o leme da barca / (na mão)*<sup>99</sup>

*Navio sem leme, naufrágio certo.*

*Viúva é barco sem leme.*<sup>100</sup>

*Mulher à vela, marido ao leme.*

Todas as UFs indicadas referem-se ao *controlo* que o sujeito tem da situação em que se encontra e que metaforicamente é conceptualizada como embarcação. A motivação de algumas poderia também ser atribuída à metáfora VIDA é VIAGEM MARÍTIMA. Julgando pelos resultados de análise das UFs na nossa “base de dados”, na fraseologia o *leme* é o mais frequente entre os constituintes cujos referentes extralinguísticos são *partes da embarcação*, sendo também o elemento mais bem representado do conceito de EMBARCAÇÃO. Em comparação com outros elementos, a sua motivação é mais transparente – o LEME funciona, quase regularmente, como o conceito fonte para o domínio de CONTROLO (ADMINISTRAÇÃO).

*Conhece-se o marinheiro quando vem a tempestade.*<sup>101</sup>

*O mau tempo só apanha o marinheiro que se descuida.*

*Quem não sabe navegar vai ao fundo.*

---

<sup>91</sup> „governar a vida“ (Figueiredo, Cândido de (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Bertrand Editora)

<sup>92</sup> „ir bem ou mal dirigido“ (Silva, *op.cit.*)

<sup>93</sup> „angariar meios suficientes para viver; dirigir qualquer empreendimento; dirigir a casa“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>94</sup> „manter a situação em equilíbrio“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>95</sup> „governar bem, com prudência“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>96</sup> „não se preocupar com os acontecimentos; deixar as coisas como estão para ver o que acontecerá“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>97</sup> „(naut.) o que, servindo-se da agulha de marear e manejando a roda do leme, tem a seu cargo manter o rumo que superiormente lhe é indicado“ (Silva, *op.cit.*)

<sup>98</sup> „é mesmo que ter timoneiro, ter direcção ou bom governo, principalmente no lar“

<sup>99</sup> “gerir bem um negócio, ter boa cabeça” (Silva, *op.cit.*). Ou: *ir ao leme* (“governar, dirigir, administrar” – Barata, *op.cit.*)

<sup>100</sup> A motivação idêntica: *Mulher sem marido (é) barco sem leme.*

<sup>101</sup> Variantes: *É na tempestade que se conhece o marinheiro; Conhece-se o marinheiro quando vem mau tempo.*

Para além da metáfora GOVERNAR A SITUAÇÃO é GOVERNAR A EMBARCAÇÃO, a motivação das UFs acima referidas inclui também a conceptualização de “obstáculos no caminho”, causados pelo efeito contrário das forças naturais (no domínio destino referem-se a condições externas). Sugere-se que as capacidades e qualidades verdadeiras vêm na vida a manifestar-se só nas situações difíceis e complexas.

*Quando o arrais canta, bem vai o barco/embarcação.*<sup>102</sup>

*Quando o arrais do barco é careca, toda a companhia é tinhosa.*

*Não é barqueiro para esta canoa.*<sup>103</sup>

Nas UFs referidas o foco semântico recai no papel de *capitão da embarcação*; metaforicamente, este conceito representa o sujeito que planeia, organiza e chefia uma ação. À importância de autoridade e de uma direção firme em cada empreendimento apontam também dois ditos que se seguem:

*Dois pilotos fazem um barco ir ao fundo.*

*Barco de muitos mestres dá na costa.*

*Há mais marés que marinheiros.*<sup>104</sup>

O significado idiomático remete a uma interação interessante de (pelo menos) dois modelos metafóricos; além da Metáfora de VIAGEM MARÍTIMA, em que se acentua o papel do sujeito de ação, é relevante a conceptualização de MARÉ CHEIA – as propriedades específicas deste conceito já comentámos em relação a um exemplo anterior. Da combinação da metonímia MARÉ CHEIA por EM CIMA com a metáfora orientacional POSITIVO é EM CIMA resulta a metáfora complexa POSITIVO é MARÉ CHEIA. Aqui ao nível específico é atualizada como OCASIÃO (FAVORÁVEL) é MARÉ CHEIA.

*A barca está/é rota, salve-se quem puder.*<sup>105</sup>

*A navio roto todos os ventos são contrários.*<sup>106</sup>

Nestas UFs o foco semântico está na própria *situação* em que se age, e que neste caso é desfavorável, o que se reflete – independentemente da influência de condições externas – na ação. A definição lexicográfica da última UF aponta à “falta de sorte”; numa tal interpretação o conceito de EMBARCAÇÃO seria antes personificado, ou seja, representava o HOMEM (veja 4.4.4.), neste caso “com azar”.

---

<sup>102</sup> „diz-se quando alguém se mostra bem disposto, contrariamente ao habitual” (Neves, *op.cit.*). As outras variantes: *Bem vai o barco quando o arrais canta; Quando o arrais canta boa vai a maré; Quando o marinheiro canta, bem vai o barco.*

<sup>103</sup> „não é a pessoa indicada para realizar determinada tarefa” (Neves, *op.cit.*)

<sup>104</sup> „ocasiões não faltam; falta sobretudo gente capaz e com boa vontade” (Barata, *op.cit.*)

<sup>105</sup> Variante: *A barca é perdida, salve-se quem puder.*

<sup>106</sup> “quem não tem sorte até na cama quebra as pernas” (Lacerda, R. Cortes de *et al.*, *op.cit.*). Variantes: *A navio em mau estado todo o vento é contrário; Para um barco avariado, todos os ventos são contrários.*

4.4.2.1. *ESTAR NA MESMA SITUAÇÃO é ESTAR NA MESMA EMBARCAÇÃO  
AGIR JUNTOS / COM O MESMO OBJETIVO é VIAJAR NA MESMA  
EMBARCAÇÃO EMPREENDER AÇÕES EM COMUM é EMBARCAR NA  
MESMA EMBARCAÇÃO*

*Estamos todos no mesmo barco.  
remar no mesmo barco  
Viajas com gente boa, levás a fortuna à proa.  
Não meterei com ele pé em barco.*

4.4.2.2. *HOMEM EXPERIENTE é MARINHEIRO EXPERIENTE*

De algumas UF's do domínio de NAVEGAÇÃO é possível deduzir a relação que se estabelece, ao nível conceptual, entre a navegação e a experiência de vida; tal interpretação encaixava-se melhor na metáfora complexa VIDA é VIAGEM MARÍTIMA. A experiência de vida é conceptualizada como experiência em navegação; essa experiência identifica-se, até a um certo ponto, com a habilidade de se esquivar às desgraças da vida.<sup>107</sup> Partilha dessa motivação inclusive a conceptualização da própria *superfície*, ou do espaço em que se viaja (neste caso, o mar) que pode representar o domínio fonte não-especificado por VIDA; quanto mais se viaja/navega, tanto mais "terreno" é percorrido, o que ao mesmo tempo significa mais experiência na navegação. A superfície percorrida é análoga com a vida vivida – quem viveu muito, é considerado um homem experiente.

*julgar-se / dar-se por navegado<sup>108</sup>  
marinheiro de água doce<sup>109</sup>  
Mar calmo não faz bom marinheiro.<sup>110</sup>*

A motivação assenta na combinação da conceptualização de MARINHEIRO acima indicada com a conceptualização de "obstáculos/dificuldades no caminho". No âmbito da metáfora VIDA é VIAGEM MARÍTIMA, ao nível conceptual isso significa que de uma vida regalada não tiramos nenhuma experiência, mas ficamos incautos, desprevenidos de mudanças e transtornos possíveis; só nos formamos nas circunstâncias desfavoráveis e nas situações exigentes.

---

<sup>107</sup> Casadei (1996: 192) também nota a relação conceptual entre a navegação e a experiência de vida, ilustrando-a com as expressões idiomáticas italianas *avere il piede marino* („sapere fronteggiare le difficoltà“) e *essere una persona navigata*.

<sup>108</sup> „julgar-se isento de perigo, que prudentemente podia teimar, tanto marítimo como terrestre“ (Silva, *op.cit.*)

<sup>109</sup> „marinheiro inexperiente; pessoa inexperiente“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>110</sup> Variante: *Águas mansas não fazem bons marinheiros.*

#### 4.4.3. RESPONSABILIDADES / DEVERES são EMBARCAÇÃO TUDO O QUE O SUJEITO POSSUI (BENS, PROPRIEDADES, RECURSOS MATERIAIS) é EMBARCAÇÃO

*Grande nau, grande tormenta.*<sup>111</sup>

*Quanto maior é a nau, maior é a tormenta.*<sup>112</sup>

Quanto maior o empreendimento, maiores os riscos que inclui – é o que sugerem as UFs acima referidas, manifestando mais uma “sub-especialização” do conceito de EMBARCAÇÃO. A *tormenta* representa “dificuldade no caminho” e ao mesmo tempo o nível específico do domínio genérico de FORÇAS NATURAIS (que influem, exteriormente, no movimento).

*abandonar o barco*<sup>113</sup>

*O bom marinheiro nunca abandona o barco.*

*Os ratos são os primeiros a abandonar o navio que se afunda.*

*saber guiar / levar a sua barca (a bom porto)*<sup>114</sup>

O ponto central destas UFs é a *responsabilidade* do sujeito pela ação que empreendeu, pelo seu trabalho, bens, família, pela sua vida (o conceito fonte de EMBARCAÇÃO tem uma „lista“ relativamente extensa de domínios destino). Ser irresponsável significa não alcançar o objetivo. A motivação da última UF inclui também a conceptualização de *controlo da embarcação*, ou seja, de *orientação*.

#### 4.4.4. O PRÓPRIO SUJEITO é EMBARCAÇÃO

*Por maior que seja o mar, os navios às vezes se encontram.*

*Os grandes navios podem tentar o mar alto; os pequenos barcos não se devem afastar (muito) da praia.*

*barco em busca de porto seguro*<sup>115</sup>

Estas UFs, que manifestam uma *personificação* de EMBARCAÇÃO, devem o seu significado à combinação de vários fatores. Da experiência direta do mar como uma superfície física destaca-se a propriedade de *vastidão*; ela mapeia-se ao nível de um espaço conceptual „imenso“ abstrato que em princípio representa a própria VIDA. O sujeito que „se move“ nesse espaço no segundo provérbio

---

<sup>111</sup> „as altas situações estão expostas a grandes reveses; grande empresa, grandes problemas“ (Baptista, A. et al. (2002). *Dicionário de Provérbios: Adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*, Porto: Porto Editora. Variantes: *Maior é a nau, maior (é) a tormenta; Grande nau, grande perigo* – o segundo provérbio não é inteiramente idiomático, o constituinte *perigo* interpreta-se literalmente.

<sup>112</sup> „quanto maiores são as responsabilidades de um homem, no mundo dos negócios ou da política, tanto maiores são as dificuldades que ele encontra e os obstáculos que tem de vencer“ (Baptista, A. et al., *Ibidem*)

<sup>113</sup> „largar o cargo, as funções em ocasião arriscada“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>114</sup> „o seu baixel; os seus negócios, a sua vida; saber governar a vida“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>115</sup> „alguém que procura encontrar situação estável“ (Neves, *op.cit.*)

é metaforizado como uma embarcação „pequena“ ou então „grande; ativa-se novamente o princípio universal PSÍQUICO é FÍSICO, em termos do qual as „capacidades psíquicas“ são conceptualizadas como as capacidades físicas (aqui representadas por meio de „grandeza“). Na motivação do mesmo provérbio é identificável também um outro princípio, que se refere à *terra* como *posição canónica*.

4.5. OBJETIVO DA AÇÃO É DESTINO DA VIAGEM (PORTO) →  
ALCANÇAR O OBJETIVO (DESEJADO) DA AÇÃO É CHEGAR AO DESTINO (PASSAR O MAR)  
NÃO CONSEGUIR ALCANÇAR O OBJETIVO É NÃO CHEGAR AO DESTINO (AFUNDAR-SE)

*levar / chegar a bom porto*<sup>116</sup>  
*porto de salvamento*<sup>117</sup>

*dar à costa*<sup>118</sup>

*naufragar no porto*<sup>119</sup>  
*À boca da barra perde-se o navio.*<sup>120</sup>

*Quem não se aventura não passa o mar.*<sup>121</sup>

Cada empresa implica uns certos riscos, e se não os aceitarmos, não alcançaremos o objetivo (“passar o mar” significa chegar ao destino desejado). A imagem que o último provérbio contém inclui também a confrontação com o mar no sentido de “entrada” do sujeito numa zona de AVENTURA / RISCO / INCERTEZA / PERIGO, interpretável no âmbito de uma outra estrutura metafórica que também faz parte do Modelo espacial de MAR. Nas situações sem esperança no caminho rumo ao destino podemos também valer-nos da ajuda de uma “força maior”, como sugere o seguinte provérbio:

*Ao baixel sem esperança, Deus depara o porto.*

*Grande mar, grande tormenta.*

---

<sup>116</sup> Ou: *chegar a porto de salvamento*. “levar a bom, a feliz termo, a bom êxito; conduzir acertadamente e com êxito uma empresa, um negócio” (Barata, *op.cit.*)

<sup>117</sup> „termo feliz de qualquer empreendimento“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>118</sup> „naufragar; falir; falhar; aparecer repentinamente; encalhar, dar em seco; ser mal sucedido, falir, fracassar“ (Neves, *op.cit.*)

<sup>119</sup> „sucumbir quando pareciam vencidos todos os perigos e obstáculos; ver todos os seus projectos desfeitos quando iam finalmente concretizar-se“ (Barata, *op.cit.*)

<sup>120</sup> „má sorte“ (Costa, J. R. Marques da (1999). *O Livro dos Provérbios Portugueses*, Lisboa: Presença)

<sup>121</sup> “há que ser decidido na vida para alcançar aquilo que se deseja; ‘quem não arrisca, não petisca’, ‘quem não se aventurou, nem perdeu nem ganhou’” (Costa, A. de Carvalho (1981). *Gente de Portugal: Sua linguagem, seus costumes*, Portalegre: Assembleia Distrital). Variante: *Quem se não aventura, o mar não há-de passar*.



Embora o provérbio acima indicado pareça uma variante lexical do provérbio *Grande nau, grande tormenta*, já referido no esquema conceptual de EMBARCAÇÃO, comentamo-lo à parte para chamarmos a atenção a um “enquadramento” diferente, ou seja, à perspetiva que afeta a motivação da primeira parte: o “grande mar” aponta aqui a uma longa viagem até ao destino, o que se projeta ao facto de o próprio objetivo da ação ser complicado, difícil de alcançar.

*Perca-se a embarcação / o navio, mas conheça-se a baixa.*<sup>122</sup>

Neste caso, no foco semântico está a *experiência*, mas incluímos o provérbio neste sub-grupo por implicar não-realização do objetivo da ação. Sugere, porém, que de um certo modo cada insucesso nos enriquece, representando mais uma experiência – uma “escola da vida”.

*Um pequeno buraco faz afundar um grande barco.*<sup>123</sup>  
*Depois do barco ir ao fundo, todos sabem dizer como é que ele poderia ter sido salvo.*

## 5. Considerações finais

Este trabalho resulta de um estudo mais extenso dedicado ao conceito de MAR como manifestado na fraseologia portuguesa. Os resultados de análise da motivação dos significados (exclusivamente) idiomáticos das unidades fraseológicas recolhidas segundo o critério de constituintes lexicais da esfera semântica de *mar* revelaram que a motivação de uma boa maioria delas é conceptual, ou seja, „atribuível“ a uns mecanismos de índole metafórico-metonímica que ligam o domínio fonte de MAR a uns domínios destino mais abstratos, de um modo relativamente regular.

Além disso, a análise semântico-conceptual deu para concluir que o mar é conceptualizado predominantemente em termos espaciais, ou seja, como um tipo de espaço específico concebido por experiência, tanto físico-perceptiva (corporal), como „cultural“ (mais subjetiva) – o que elaboramos sob designação de Modelo espacial de MAR. Em seguida, no âmbito desse modelo, identificámos várias estruturas metafóricas complexas que motivam, ao nível específico, os significados das unidades fraseológicas analisadas. Neste trabalho dedicamo-nos à estrutura mais „transparente“ (em termos estruturais) e mais produtiva (em termos cognitivos, julgando pelo número de unidades fraseológicas que „abarca“), chamada Metáfora de viagem marítima. Ao nível genérico, essa estrutura corresponde a um sistema metafórico universal, postulado no seio da Linguística Cognitiva – a Metáfora de Estrutura do Evento, da qual faz parte a metáfora

---

<sup>122</sup> Variantes: *Perde-se a embarcação, mas fica-se conhecendo a baixa; Perca-se o navio, mas conheça-se o baixio.*

<sup>123</sup> Variantes: *Basta um pequeno rombo para fazer soçobrar o navio* ou *Pequeno rombo faz soçobrar grande navio.*

genérica AÇÃO / ATIVIDADE PROPOSITADA PROLONGADA é VIAGEM – e é „dessa“ viagem que a VIAGEM MARÍTIMA, elaborada pormenorizadamente neste estudo, representa uma instância específica.

Julgando pela quantidade de unidades fraseológicas cuja motivação assenta no Modelo espacial de MAR, poderíamos supor que o mar – no conhecimento do mundo dos falantes de português – pode ser um tipo de espaço mais saliente do que outros, talvez até prototípico, mas isso não passa de uma hipótese, já que por enquanto não temos base de comparação. Geralmente dito, na estrutura metafórica conceptual aqui analisada registam-se raros elementos de especificidade cultural, embora esse assunto mereça uma outra investigação a ele dedicada. O facto é que a maior parte de mecanismos conceptuais é na realidade universal, dado que funcionam sobretudo a partir da experiência corporal humana, que nos é comum a todos. Entretanto, o que salta à vista – em relação a outros possíveis tipos de espaço em função de domínio fonte – são várias „especializações“ ligadas aos elementos particulares do domínio (tanto físico como) conceptual de MAR (p.e. *onda, barco, marinheiro, navegação, embarcar, remar, leme, âncora* etc.) que, cada um com o seu „conteúdo“ próprio, ou seja, com as propriedades específicas do seu significado, contribui para a conceptualização a um certo ponto específica dos conceitos a que se mapeiam no(s) domínio(s) destino, tal como para a maneira de como esses elementos de domínio marítimo afetam a própria VIAGEM (isto é, AÇÃO). Esses elementos de conceptualização supostamente não seriam idênticos se o tipo de espaço a servir de base à conceptualização fosse diferente.

Em geral, pensamos que este estudo, comprovando um alto nível de estruturação e coerência interna no segmento de fraseologia que lhe foi objeto, corrobora as teses segundo as quais o significado de uma boa maioria de expressões idiomáticas não é arbitrário, mas motivado – fundamentado nuns princípios convencionais, mais ou menos universais, de conceptualização (estruturas conceptuais), tal como qualquer outra estrutura semântica na linguagem. A análise semântico-conceptual mostra-se, na nossa opinião, uma metodologia adequada na fraseologia, particularmente no sentido de refutar a ideia de “anomalia”, a favor da convencionalidade e regularidade. Além disso, consideramos que comprovar a motivação, como uma base de relação e interdependência das unidades fraseológicas do sub-sistema em questão, serve ao mesmo tempo como uma argumentação a favor do papel crucial do significado dos constituintes lexicais na interpretação e especialmente na formação do significado idiomático.

## Bibliografia

- Batoréo, Hanna Jákubowicz (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu: Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Batoréo, Hanna Jákubowicz. (2015). Linguística Cultural e o estudo do léxico da Língua Portuguesa (PE e PB): A linguagem em uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivização conceptual, in: *Contribuição à Linguística no Brasil: um projecto de vida. Miscelânea em homenagem a Claudia Roncarati* [ur. Darcília Simões / Paulo Osório / Cecília Molica], Rio de Janeiro: Dialogarts, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pp. 98-143.
- Berruto, Gaetano (1988). *La Semantica*, Bologna: Zanichelli.
- Cacciari, Cristina. (1993). The Place of Idioms in a Literal and Metaphorical World, in: *Idioms: Processing, Structure and Interpretation* [ur. Cristina Cacciari / Patrizia Tabossi], Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 27-55.
- Casadei, Federica (1996). *Metafore ed espressioni idiomatiche: uno studio semantico sull'italiano*, Roma: Bulzoni Editore.
- Corpas Pastor, Gloria (1996). *Manual de fraseología española*, Madrid: Gredos.
- Cowie, A.P. [ur.] (1998). *Phraseology: Theory, Analysis, and Applications*, Oxford: Oxford University Press.
- Fernando, Chitra (1996). *Idioms and Idiomaticity*, Oxford: Oxford University Press.
- Gibbs, Raymond W. Jr.. (1993). Why Idioms are not Dead Metaphors, in: *Idioms: Processing, Structure and Interpretation* [ur. Cristina Cacciari / Patrizia Tabossi], Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 57-77.
- Kövecses, Zoltán (2005). *Metaphor in Culture: Universality and Variation*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, George (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago / London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George. (1993.) The contemporary theory of metaphor, in: *Metaphor and Thought* [ur. Andrew Ortony], Cambridge / New York: Cambridge University Press, pp. 202-251.
- Lakoff, George / Johnson, Mark (1980). *Metaphors we live by*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George / Turner, Mark (1989). *More than cool reason: a Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago / London: The University of Chicago Press.
- Lanović, Nina (2012). *Koncept mora u portugalskoj frazeologiji*, Zagreb: Sveučilište u Zagrebu. (disertacija)
- McEnery, Tony / Wilson, Andrew (2001). *Corpus Linguistics: an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Rosch, Eleanor. (1978). Principles of Categorization, in: *Cognition and Categorization* [ur. Eleanor Rosch / Barbara B. Lloyd], Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, pp. 27-48.
- Sanromán, Álvaro Iriarte (2001). *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frases-mas, pragmatemas*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da UM.
- Silva, Augusto Soares da (1999). *A semântica de „deixar“: uma contribuição para a*

- abordagem cognitiva em semântica lexical*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sweetser, Eve (1990). *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Taylor, John R. (1989). *Linguistic Categorization*, Oxford: Oxford University Press.
- Teliya, Veronika *et al.* (1998). Phraseology as a Language of Culture: Its Role in the Representation of a Collective Mentality, in: *Phraseology: Theory, Analysis, and Applications* [ur. A. P. Cowie], Oxford: Oxford University Press, pp. 55-75.
- Vilela, Mário (2002). *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra: Livraria Almedina.

### **Koncept *mora* u portugalskoj frazeologiji: metafora putovanja morem**

U radu se prikazuje dio rezultata opsežnije studije posvećene konceptu MORA u portugalskoj frazeologiji. Frazeološke jedinice (idiomi i paremije idiomatskog značenja) koje sadrže sastavnice iz semantičke sfere *mora* podvrgnute su semantičko-konceptualnoj analizi, s ciljem da se utvrdi motivacija idiomatskog značenja u odnosu na doslovno i da se ispita postoje li među značenjima jedinica ovog frazeološkog podsustava kakvi sustavni odnosi te da se identificira na kakvim se principima ti pretpostavljeni odnosi zasnivaju.

Rezultati potvrđuju da motivacija većine analiziranih jedinica ima konceptualnu osnovu: moguće ju je pripisati određenim konceptualnim mehanizmima poglavito metaforičko-metonimijske prirode koji izvornu domenu MORA na razmjerno pravilan i sustavan način povezuju s nekim apstraktnijim ciljnim domenama. Povrh toga, analiza je pokazala da se MORE, kao izvorna domena idiomatskih izraza, poglavito poima *prostorno*, odnosno kao jedna specifična vrsta prostora, pri čemu se konceptualizacija zasniva na čovjekovom fizičko-perceptivnom (tjelesnom), ali i „kulturalnom“ (subjektivnijem) iskustvu; taj se iskustveno pojmivi prostor na razini ciljne domene – koju se vrlo uopćeno može definirati kao DJELOVANJE – projicira na apstraktni konceptualni prostor, analogan fizičkom. Taj smo složeni princip konceptualizacije, razlučiv na nekoliko koherentnih metaforičkih okvira koji na specifičnoj razini motiviraju značenja analiziranih frazeoloških jedinica, nazvali *prostornim modelom MORA*.

U ovom se radu usredotočujemo na razradu i egzemplifikaciju „najtransparentniji“ (u strukturalnom smislu) i najproduktivniji od tih okvira, nazvanog *metaforom PUTOVANJA MOREM*. Na generičkoj razini, ta se struktura podudara s univerzalnim metaforičkim sustavom postuliranim u paradigmi kognitivne lingvistike – metaforom strukture događaja, u skladu s kojom se *dugotrajne svrhovite aktivnosti / djelovanja* konceptualiziraju kao *putovanja*. „Naše“ PUTOVANJE MOREM predstavlja specifičnu instancu tog modela.

*Ključne riječi:* portugalska frazeologija, idiomatičnost, konceptualna motivacija, koncept MORA, metafora putovanja morem

